

DANIELE JANUÁRIA DE ALMEIDA SILVA

**IMPASSES E POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO
SEXUAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES:
análise nas produções do Programa de Mestrado em
Educação Sexual da Unesp**



ARARAQUARA – S.P.
2024

DANIELE JANUÁRIA DE ALMEIDA SILVA

**IMPASSES E POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO
SEXUAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES:
análise nas produções do Programa de Mestrado em
Educação Sexual da Unesp**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

Orientadora: Professora Dra. Débora Raquel da Costa Milani

ARARAQUARA – S.P.
2024

S586i Silva, Daniele Januária de Almeida
Impasses e possibilidades da Educação Sexual na formação de professores: : análise nas produções do Programa de Mestrado em Educação Sexual da UNESP / Daniele Januária de Almeida Silva. -- Araraquara, 2024
100 f.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Débora Raquel da Costa Milani

1. Educação Sexual. 2. Sexualidade. 3. Formação Docente. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

DANIELE JANUÁRIA DE ALMEIDA SILVA

IMPASSES E POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: análise nas produções do Programa de Mestrado em Educação Sexual da Unesp

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

Orientadora: Professora Dra. Débora Raquel da Costa Milani

Data da qualificação: 26/02/2024

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Professora Dra. Débora Raquel da Costa Milani
Universidade Estadual Paulista – UNESP, Araraquara.

Membro Titular: Professora Dra. Josiane Cristina Bocchi
Universidade Estadual Paulista – UNESP, Araraquara.

Membro Titular: Professor Dr. Paulo César Cedran
Centro Universitário Moura Lacerda - Ribeirão Preto, SP.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

*A todos que acreditam que é por meio da transformação de si mesmo que é possível
começar a pensar sobre a possibilidade de transformar os espaços que ocupamos.*

Silva (2023)

AGRADECIMENTOS

Penso que ao lado de todas as pessoas que se dispõe a realizar um grande desejo sempre estão pessoas dispostas a colaborar. Podem ser duas, três, uma multidão, ou só uma mesmo, mas não duvide, sempre tem alguém fazendo algo, às vezes até sem saber ou imaginar a diferença que isso é capaz de fazer por você. Tem gente que reza pela gente, que torce, que faz um lanche nas horas intermináveis sentadas na frente do computador, tem gente que te incentiva, que te faz rir, que comemora sua vida, tem gente que fecha os olhos por você, que ajuda a corrigir os erros de português do seu trabalho e os erros da vida. São todas essas pessoas que eu agradeço.

À minha avó, Olga, que faz muito mais do que eu possa imaginar, todos os dias. Sempre ao meu lado, sempre incentivando, sempre rezando, sempre zelando por mim. Minha eterna gratidão por tudo.

Ao meu companheiro nesta vida, o Lu, por todo apoio, todos os gestos e todo amor demonstrado diariamente. Lu acredita em mim de uma forma que eu nunca conseguirei acreditar.

Aos meus companheiros de trabalho, tanto os de toda minha trajetória na educação, quanto os que caminham comigo hoje, na Escola Estadual Jardim Buscardi-Matão S.P., a família J.B. como gostamos de chamar. Agradeço por serem referências profissionais importantes e por acima de tudo, serem pessoas tão boas comigo.

À minha mãe, meu pai e meus irmãos, por serem a família que eu precisava ter nessa vida.

Aos meus sobrinhos, Enzo e José, para que não esqueçam que sua tia sempre teve os estudos como prioridade.

À minha prima querida, Lígia, a bússola que apontou muitos caminhos até aqui.

À minha querida orientadora, a Prof.^a Dra. Débora Raquel da Costa Milani, uma referência nesse caminho árduo de fazer educação de qualidade. Uma profissional acolhedora, generosa e acima de tudo, humilde em compartilhar seus conhecimentos.

À Prof.^a Dra. Josiane Cristina Bocchi, pelo incentivo, apoio e paciência. Talvez ela nem imagine, o quanto um email, enviado por ela, me ajudou a seguir no Programa de Educação Sexual, em um momento que eu pensei seriamente em desistir.

Ao Prof. Dr. Paulo César Cedran, por ter aceitado participar da banca com suas contribuições.

Às amigas Lilian e Laís, a dupla com a qual compartilhei as dores e as delícias desse processo.

A todos os meus professores, da escola de Educação Infantil até a UNESP, profissionais importantes que sem dúvida, contribuíram para a realização desse desejo.

Por fim, à memória do meu avô o melhor homem do qual já ouvi falar. Agradeço pelos cuidados, pelas brincadeiras e por me amar tão intensamente. Ele gostaria muito de conhecer a pessoa e a profissional que venho construindo nessa existência. Obrigada por ter sido música, poesia, literatura e chamada oral da tabuada todos os dias quando eu chegava da escola.

Não sou nem otimista, nem pessimista. Os otimistas são ingênuos e os pessimistas são amargos. Sou um realista esperançoso.

Ariano Suassuna

RESUMO

A educação sexual acontece das mais variadas formas e nos mais diferentes espaços desde o nosso nascimento e seja de forma intencional ou não, perpassa por toda nossa existência. Considerando a escola como um espaço coletivo de aprendizagem, é comum surgirem questões envolvendo sexualidade, que por insegurança e falta de formação dos professores para essa temática, não são tratadas de forma reflexiva. Trabalhar educação sexual nas escolas ainda é um desafio permeado por preconceito, falta de informação e formação, sendo urgente colocar a formação de professores no centro do debate, como forma de ampliar as possibilidades de trabalho na escola. Diante do exposto, esta pesquisa de cunho bibliográfico, tem como objetivo verificar como a educação sexual no contexto da formação dos professores é apresentada nas produções científicas da Pós-Graduação em Educação Sexual na UNESP de Araraquara, analisando impasses e possibilidades nas ações de formação descritas nas pesquisas analisadas. Os resultados apresentam ações significativas no âmbito da formação de professores, porém, sinalizam a necessidade da ampliação dessas ações, como forma de possibilitar que a educação sexual aconteça nas escolas de forma intencional, sistematizada e com objetivos claros na formação dos estudantes. Dessa forma, o presente estudo evidencia a relevante contribuição das pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual no que tange à educação sexual e a formação de professores para superação de impasses e ampliação de possibilidades de trabalho, podendo servir como objeto de estudo, análise e reflexão que venha favorecer a implementação de projetos de Educação Sexual na escola.

Palavras – chave: Educação Sexual; Sexualidade; Formação Docente.

ABSTRACT

Sexual education takes place in the most varied ways and in the most different spaces since our birth, whether intentionally or not, it permeates through our entire existence. Considering the school as a collective learning space, it is common for issues involving sexuality to arise that, due to insecurity and lack of teacher training on this theme, are not treated in a reflective way. Working on sexual education in schools is still a challenge permeated by prejudice, lack of information and training, it is urgent to place teacher training at the center of debate, as a way of expanding possibilities for work at school. In view of the above, this bibliographical research aims to verify how sexual education in the context of teacher training is presented in the scientific productions of the Postgraduate Course in Sexual Education at UNESP in Araraquara, analyzing impasses and possibilities in the training actions described in the analyzed research. The results present significant actions in the field of teacher training, but they indicate the need to expand these actions, as a way of enabling sexual education to take place in schools in an intentional, systematized way and with clear objectives in the training of students. Thus, the present study highlights the relevant contribution of research from the Postgraduate Program in Sexual Education with regard to sexual education and teacher training to overcome impasses and expand work possibilities, and can serve as an object of study, analysis and reflection that may favor the implementation of Sexual Education projects at school.

Keywords: Sexual Education; Sexuality; Teacher Training.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	<i>Produções nas quais constam as palavras chaves: sexualidade, educação sexual e formação de professores</i>	48
Quadro 2	<i>Pesquisas selecionadas para análise</i>	54
Quadro 3	<i>Mapeamento dos impasses e das possibilidades nas Pesquisas selecionadas para análise</i>	61
Quadro 4	<i>Mapeamento das estratégias utilizadas nas formações apontadas nos trabalhos, práticas exitosas e resultados que podem ser compartilhadas com foco na disseminação da formação de professores em educação sexual</i>	85

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

NUSEX - Núcleo de Estudos em Corpos, Gênero e Sexualidade

OMS – Organização Mundial de Saúde

UNESP – Universidade Estadual Paulista

WAS - World Association for Sexology

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
1.1 Justificativa.....	211
1.2 Problema de Pesquisa	211
1.3 Objetivos	222
2 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	233
3 SEXUALIDADE NA ESCOLA	277
4 GÊNERO NA ESCOLA.....	311
5 GÊNERO E RACISMO	355
6 CONHECIMENTO COMO FERRAMENTA DE INTERVENÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR.....	39
7 BREVE HISTÓRICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO SEXUAL (PPGEdSex)	43
8 PERCURSO METODOLÓGICO.....	47
9 PRODUÇÕES E ANÁLISE DOS TRABALHOS ACADÊMICOS..	54
10 PRÁTICAS EXITOSAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES MAPEADAS NAS PESQUISAS ANALISADAS	81
11 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS.....	97

1 INTRODUÇÃO

O desejo de ingressar no mestrado, nasceu na graduação e ainda que tenha ficado adormecido por anos, nunca deixou de existir. Devo confessar, porém, que hoje consigo compreender por que esse desejo dormiu por tantos anos: trabalhador e pesquisador são palavras que não caminham juntas na maioria das realidades de vida e se esse trabalhador for professor, o abismo aumenta, impossibilitando muitas vezes que esses profissionais possam vislumbrar ingressar em um mestrado em uma universidade pública. Como grande parte dos meus colegas de profissão, saindo da faculdade de Pedagogia foquei no “trabalhador”, atuando em duas escolas, estudando para os concursos da vida, fazendo todos os cursos oferecidos pela rede em que atuo para melhorar o salário. Nesse contexto, o pesquisador adormeceu e só acordou por meio de uma conversa, com uma prima-amiga-irmã na vida, que falou sobre o mestrado em Educação Sexual da UNESP de Araraquara como uma possibilidade. Educação Sexual? Como assim? Existe? Como entra? E foi aí que começamos. A primeira porta para desbravar esse mestrado, do qual eu nunca tinha ouvido falar, foi o grupo de estudos NUSEX- Núcleo de Estudos em Corpos, Gênero e Sexualidade, e não teve jeito, decidi que era por essa via que acordaria o “pesquisador”. Falar sobre a educação sexual no contexto da formação de professores é um desafio, uma vez que foi preciso que a professora Daniele, construísse a importância desse tema e se (des)construísse quase tudo que aprendeu e absorveu durante a vida como pessoa e profissional. Eu nunca tinha parado para pensar na forma como minha educação sexual aconteceu e pensar nisso, em questionamentos colocados pelos professores durante a disciplinas do mestrado foi um desafio: eu não tinha memória de absolutamente nada, nunca tinha resgatado essa trajetória e foram necessárias muitas reflexões para avançar nesse meu processo. Ser um pesquisador de educação sexual? Claro que soou estranho no primeiro momento, por isso a (des)construção teve que acontecer primeiro comigo.

Hoje, atuando em uma escola de Ensino Médio, como gestora, fico pensando que minha pesquisa não poderia envolver outra temática. Os estudantes querem falar sobre essas questões não só quando o conteúdo de biologia ou de outra disciplina “permite”. Eles querem (e precisam) falar sobre essas questões nos intervalos, nos momentos de debate, nas rodinhas de conversa no fundo da sala, na hora da entrada, da saída, nas portas dos banheiros, nas paredes da escola e em outros tempos e espaços que ultrapassam os muros escolares, sendo urgente e necessário, que os profissionais da educação compreendam a complexidade envolvendo essas questões e estejam abertos a refletir: primeiro sobre o que sabem sobre assunto e como lidam

com essas questões e depois, sobre como podem intervir no contexto escolar de forma atuante, reflexiva e significativa, colaborando para a formação de um sujeito protagonista de suas ações e capaz de intervir nos contextos dos quais faz parte de maneira autônoma e crítica, compreendendo a si e ao outro em um movimento reflexivo.

Ao entrar no mestrado meu projeto inicial era sobre gravidez na adolescência, porém em um determinado ponto, não fazia sentido abordar essa temática sem investigar sobre a formação dos professores. Percebi que muitas vezes, pensamos em estratégias para abordar os estudantes, nos preocupamos com o material disponível para apoio, porém, não consideramos o profissional que colocará essas estratégias em prática: Ele está seguro? Compreende a relevância desse tema para formação integral do estudante? Como ele lida com a sua sexualidade? Ao colocar essas questões em movimento de reflexão no espaço escolar, ele é imparcial? Ele reproduz os comportamentos que aprendeu ao longo da vida? Não temos a pretensão de responder todas essas perguntas, mas com essa pesquisa, enxergo a possibilidade de dar continuidade a reflexões que possam colocar a formação dos professores no centro do debate, ampliando as possibilidades de olharmos para a formação em educação sexual como uma prioridade.

Há cerca de cinco anos, um estudante da escola em que trabalho me procurou com uma demanda: quero fazer uso de meu nome social. Eu já tinha ouvido falar sobre essa possibilidade, conhecia bem superficialmente a legislação que fundamenta esse direito na escola, no entanto, não fazia ideia do movimento necessário para que isso acontecesse no contexto escolar de forma efetiva. Junto com essa demanda, na sequência, veio outra, que eu entendi como um pedido de socorro: não consigo mais utilizar o banheiro das meninas, relatou esse estudante com a voz bem embargada e seguiu relatando “quando eu chego no banheiro, elas se escondem, me olham feio e às vezes, por esse motivo, eu passo o dia todo segurando o xixi, o que tem me feito muito mal”.

Esse estudante já vinha sinalizando e externando suas mudanças, no corte repentino de cabelo, na mudança na forma de se vestir, de falar, enfim, toda a comunidade escolar já estava diante não mais de uma menina, mas de um menino e isso era evidente.

Na nossa falta de conhecimento, enxergar e respeitar essas mudanças, era suficiente, sendo que hoje, fico refletindo se nessa época, “fingir que nada estava acontecendo” era o jeito que escolhemos para lidar com a situação. Era comum ouvir entre os professores, que era uma fase, que os jovens são assim mesmo, que estavam buscando sua identidade entre outras frases

que vivemos reproduzindo justamente por não saber como falar, lidar, refletir e problematizar essas questões na escola.

Quando os pedidos desse estudante vieram, eu saí da “tal da bolha da ilusão” e como gestora, me vi diante da responsabilidade de “ajudar a furar outras bolhas” para que esse estudante estivesse mais confortável em sua escola, essa mesmo, que vivemos colocando em nosso discurso que deve despertar a sensação de “pertencimento para o estudante”, mas para qual estudante? Pensemos!

Era setembro, o estudante estava na última série do ensino médio e ao levar essa demanda, confessada a mim para os outros gestores, já identifiquei ares de resistência: ele não pode esperar o ano terminar? Faltando tão pouco tempo? Reforço aqui que a resistência nas demandas escolares dessa natureza, são fruto de medo, receio, falta de compartilhamento de experiências com outras realidades. Professores e gestores, repito, não aprenderam a lidar com situações assim.

Por ser menor de idade, orientei o estudante sobre a necessidade de seu responsável comparecer à escola para darmos conta da parte burocrática: inserir seu nome social no sistema e alterar a lista de sua turma, procedimentos que acompanhei e identifiquei serem de fato bem simples. Mas não era só isso, eu ainda tinha um problema para dar conta, ou melhor, um banheiro para dar conta e era urgente, do tipo de coisa, que eu não tinha coragem de pedir que ele esperasse mais tempo. Ele tinha pressa e eu precisava agir.

A legislação estava a nosso favor, mas eu não disponibilizava mais recursos que me ajudassem a efetivar esses direitos na escola. Falar com os professores, com os estudantes, com os pais dos estudantes não me assustava. O que me assustava era pensar se esse estudante seria respeitado e como eu interviria caso não fosse e assim, iniciei a saga de colocar essas reflexões em movimento na escola.

Joguei algumas palavras na internet e fui na busca de imagens, gentilmente o senhor Google me ofereceu o “biscoito sexual”, literalmente um biscoito, desses que aparecem nos desenhos animados na época do Natal. A imagem me chamou a atenção, pois tinha flechas apontadas para a cabeça, para o coração, para o sexo biológico e para o corpo do biscoito como um todo e cada flecha dessa, explicava, de forma muito didática as questões envolvendo a identidade de gênero. Não pensei duas vezes, fiz a impressão da imagem de um biscoito sexual, peguei uma fita durex e foi assim, que de sala em sala, segui colando esse biscoito na lousa e com o pouco que eu entendia, fui conversar com os estudantes e professores sobre as mudanças que ocorreriam com esse estudante, no uso do nome e do banheiro com o qual agora ele se

identificava e como seria importante entendermos e respeitarmos esse e todos os estudantes da escola nesse período de adaptação diante de algo novo para nossa comunidade escolar. Nunca recebi reclamação de nenhum responsável e até o período em que o estudante terminou seus estudos na instituição, nunca precisei mediar conflitos envolvendo as questões do nome social, uso do banheiro masculino ou ainda, piadas sobre o estudante.

Fico pensando, se nessa época, eu tivesse além de uma legislação e um biscoito sexual, respaldo acadêmico e teórico. Durante as disciplinas do mestrado, esse caso sempre me vinha à cabeça e eu me perguntava: como eu faria se fosse hoje? Certamente, faria uma intervenção muito mais positiva do que na ocasião e que a formação sobre educação sexual faria uma enorme diferença nesse contexto (e em outros que eu ainda iria atuar).

Por serem assuntos que as pessoas, até dentro da própria academia, colocam como não sendo importantes, é um dever estudar profundamente sobre os temas que perpassam a Educação Sexual e ter comprometimento com a produção de pesquisas que colaborem para que a escola seja um espaço de diálogo e aprendizagem para além dos conteúdos previstos no currículo.

Recentemente, participando de uma roda de conversa, na Bienal do Livro de São Paulo, onde estavam um autor indígena e dois autores negros e homossexuais, falando sobre seus mais recentes livros e refletindo sobre as questões envolvidas no processo de escrita sobre seus temas, uma pessoa da plateia perguntou ao autor indígena: Quero e penso ser muito importante falar de forma mais reflexiva sobre a história dos indígenas na escola, mas são tantas línguas, pronúncias e especificidades, que tenho receio de estar falando algo do jeito errado, onde procurar referências que me ajudem? O autor indígena, Daniel Munduruku, em toda sua simplicidade respondeu: não se preocupe com pronúncias, isso acontece com o tempo, treinando. O mais importante é que você está disposto a falar sobre isso na sala de aula, muitos ainda nem enxergam falar sobre os indígenas uma possibilidade em sala de aula.

Na hora relacionei essa resposta com a minha prática: Para além de intervir com mais qualidade no contexto em que atuo, o quanto estou disposta a falar sobre sexualidade de forma emancipatória na escola? Me senti abraçada por essa resposta e feliz por não desistir de problematizar essas questões com a comunidade escolar. Precisamos falar sobre sexualidade na escola e diante de tanto silêncio sobre essas questões, que eu seja a primeira a falar, que eu não deixe de aprender até que como na resposta do autor indígena, eu consiga ajudar a comunidade escolar ao menos pensar sobre a possibilidade de falar na temática da sexualidade

na escola partindo de uma ótica que tenha como principal objetivo a formação integral dos estudantes.

É urgente e necessário que os docentes estejam atentos, seguros e mais preparados para realizar intervenções intencionais e efetivas na condução dos temas relacionados à sexualidade, considerando toda a diversidade existente no espaço escolar e para além dele.

Diante do exposto, este trabalho pretende promover uma análise bibliográfica de dissertações defendidas no período de 2015 a 2022, que abordam especificamente as temáticas de educação sexual no contexto da formação docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual na UNESP de Araraquara e para além dos impasses e possibilidades, que esse trabalho seja uma forma de enxergar ações, que saiam das dissertações, das teses e cheguem às mãos dos professores antes de chegar na sala de aula.

Não podemos falar de formação de professores em educação sexual sem reconhecer os impasses envolvidos em tratar essa temática nas escolas, tendo em vista as concepções equivocadas sobre os objetivos e a importância da educação sexual para formação dos estudantes. É fato que existem lacunas na formação inicial e continuada de professores sobre esta temática, no entanto, tão urgente quanto debater sobre os vários fatores que influenciam e potencializam a existência dessas lacunas é investigar sobre as possibilidades para formação de professores em educação sexual.

Figueiró (2006) coloca como compreensível o fato de os professores sentirem preocupação e insegurança com relação a tratar sobre sexualidade considerando a escassez de licenciaturas que oferecem formação para abordar essas questões no contexto escolar.

Promover ações voltadas para educação sexual na escola é um desafio que precisa ser encarado, considerando a relevância desse tema para a formação integral dos estudantes não só com o objetivo de prevenção de doenças e gravidez indesejada, sendo importante que a educação sexual seja vista como forma de garantir direitos e minimizar as diversas formas de violência e preconceito, fruto de uma sociedade que não trata o tema como prioridade na formação escolar.

Para Louro (1999) o fato de existir ou não uma disciplina específica para tratar sobre educação sexual não impede que os estudantes manifestem sua sexualidade nas mais diferentes formas no espaço escolar, reforçando que a sexualidade é parte do ser humano sendo impossível deixá-la de lado.

Os professores ainda não estão preparados para abordar questões envolvendo sexualidade nas escolas e quando o fazem, vemos toda a complexidade do tema ser tratada em poucas aulas,

geralmente focadas em conteúdos nas disciplinas de ciência ou biologia, limitando discussões e reflexões que levem o estudante a desenvolver autonomia necessária para lidar com sua sexualidade e das pessoas com quem convive.

A Educação Sexual na escola deve ser um processo intencional, planejado e organizado que vise proporcionar ao aluno uma formação que envolva conhecimento, reflexão e questionamento; mudança de atitudes, concepções e valores; produção e desenvolvimento de uma cidadania ativa; e instrumentalização para o combate à homofobia e à discriminação de gênero. (Maia & Ribeiro, 2011, p.77).

Nessa perspectiva, a formação de professores é essencial e indispensável, no sentido de oportunizar aos estudantes, por meio de estratégias e metodologias planejadas e intencionais, um conhecimento que esteja adequado ao seu cotidiano.

Educar sexualmente é muito mais que ensinar os conteúdos de biologia e fisiologia da sexualidade; - educar sexualmente é criar oportunidades para o aluno expressar seus sentimentos, angústias e dúvidas, refletir sobre suas atitudes e rever preconceitos;- para educar sexualmente é preciso saber ouvir; - o aluno deve ser visto como sujeito ativo no processo ensino aprendizagem e deve ter muito espaço para falar e ouvir seus colegas; - o professor deve ser a pessoa que cria as condições para o aluno aprender, ao invés de ser um simples transmissor de conhecimentos. (FIGUEIRÓ, 2006, p. 7).

Sendo a escola um espaço de interação constante, é comum que questões envolvendo a sexualidade surjam diariamente nesse espaço e como já dito anteriormente, não tratar essas questões com os estudantes não faz com que elas deixem de existir, uma vez que a sexualidade é parte do indivíduo, como bem descrito no PCN de Orientação Sexual:

A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela. (PCN – Orientação Sexual, 2015, p.292).

Desta forma, a justificativa desta pesquisa sustenta-se na necessidade de investigar sobre as ações que vem ocorrendo na formação inicial e continuada de professores com foco em educação sexual, buscando dessa forma, minimizar os impasses e ampliar possibilidades do trabalho envolvendo essa temática na escola com o objetivo de levar o estudante a vivenciar sua sexualidade de forma plena.

Neste contexto, esta pesquisa pretende traçar um panorama das dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual que tratam sobre sexualidade e educação sexual na formação de professores com o intuito de mostrar como esses estudos contribuem para o avanço das ações formativas levando em consideração a abordagem que envolve a educação sexual e seus desdobramentos no espaço escolar.

1.1 Justificativa

Discutir possibilidades de ações para formação de professores que tenham como foco a educação sexual é urgente, tendo em vista as demandas que surgem diariamente no ambiente escolar. Sabemos a importância de investigarmos as dificuldades de tratar a temática na escola, uma vez que a ausência da educação sexual na formação inicial e continuada dos professores impacta diretamente na efetividade do trabalho na escola. No entanto, investigar as ações voltadas para educação sexual que ocorrem com foco na formação de professores é relevante no sentido de ampliar as possibilidades de trabalho no ambiente escolar. A educação sexual, inserida na formação de professores, seja na graduação ou em ações de formação continuada, é de extrema importância para que a temática seja trabalhada na escola partindo de um olhar reflexivo e emancipatório para além dos conteúdos envolvendo ISTs ou prevenção de gravidez. É importante pensar a educação sexual como forma de trabalhar questões ligadas a gênero, enfrentamento à violência contra a mulher, diversidade sexual e sexualidade. Ações de formação voltadas para essa temática, precisam ser ampliadas com o objetivo de formar professores capazes de atuar de maneira significativa. Desta forma, a justificativa desta pesquisa sustenta-se na demanda que encontramos por práticas voltadas à sexualidade com a ausência de iniciativas neste âmbito.

1.2 Problema de Pesquisa

A presente pesquisa se estruturou a partir de questionamentos envolvendo minha prática enquanto gestora escolar, no ensino médio, que identifica as dificuldades dos professores em

abordar assuntos envolvendo a sexualidade no espaço escolar. Dessa forma, questionamentos como: Quais as contribuições do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual para a educação escolar? Quais ações de formação inicial e continuada de docentes sobre educação sexual o Programa de Pós Graduação em Educação Sexual mapeou em suas produções? Quais os impasses e as possibilidades apresentadas nas dissertações analisadas? Questionamentos dessa natureza ajudaram a delinear os objetivos desta pesquisa.

1.3 Objetivos

A presente pesquisa foi pautada no objetivo geral de verificar como a Educação Sexual e a as ações de formação docente são apresentadas nas produções do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual na UNESP de Araraquara. Como objetivo específico, pensando em atender o objetivo geral, temos a seguinte questão: Analisar as dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual que abordem as temáticas sexualidade e educação sexual nas ações de formação inicial e/ou continuada de professores, analisando impasses e possibilidades nesse contexto.

2 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Sabemos das lacunas na formação inicial dos professores quando se trata de educação sexual, devido à ausência dessa temática nos cursos de graduação, sendo a formação continuada, uma alternativa para minimizar tais lacunas, possibilitando aos docentes que já estão inseridos nas redes de ensino, tratar sobre a temática com foco no desenvolvimento integral dos estudantes.

Reconhecida a presença dessas lacunas na formação inicial e continuada dos professores e as dificuldades em prepara-los para tratar sobre sexualidade na escola, é necessário realizar um trabalho que envolva além do professor, o ambiente escolar como um todo, inserindo o tema em todas as disciplinas do ensino e envolvendo as famílias.

Camilo & Perez (2019, p. 14) destacam:

Concluimos que o processo de formação inicial e continuada se encontram desfasados, pois observamos ausência das abordagens na formação e continuidade em relação à educação sexual e gênero, lacunas essas presentes prejudicando o desenvolvimento do trabalho docente em suas práticas diárias.

Figueiró (2014) coloca como imprescindível que a formação continuada esteja ligada diretamente com as demandas enfrentadas pelos professores no cotidiano da sala de aula, sendo a educação sexual uma dessas demandas, que por falta de preparo, não é tratada e trabalhada como sendo um tema relevante para formação do educando.

O ambiente escolar tem como característica a diversidade, sendo um cenário no qual surgem, em todos os níveis de escolarização demandas ligadas à sexualidade, sendo a atuação do docente de extrema relevância, uma vez, que ao se sentir preparado para realizar intervenções sobre esta temática, pode impactar de forma positiva na visão dos educandos sobre educação sexual e seus objetivos.

Dessa forma, é necessário que o professor esteja atento às dinâmicas presentes em sala de aula, tendo condições de intervir pontualmente, se comprometendo com os objetivos que envolvem a promoção de uma sociedade mais justa e democrática.

A Educação Sexual Escolar precisa não apenas orientar, ensinar, informar, mas também discutir, refletir e questionar valores e concepções de maneira a possibilitar que cada indivíduo tenha uma compreensão dos referenciais culturais, históricos e éticos que fundamentam sua

visão de sexualidade e sua prática sexual. (Maia & Ribeiro, 2011, p.76).

Conforme Figueiró (2010), o entendimento existente quanto a Educação Sexual também pode ser como toda a ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja ao nível de conhecimento de informações básicas, seja ao nível de conhecimento e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções, e atitudes relacionadas à vida sexual. Esta ação de aprender/ensinar como Educação Sexual, pode acontecer em dois níveis, o formal e o informal. A educação sexual informal, processo global, não intencional, que engloba toda a ação exercida sobre o indivíduo, no seu cotidiano, desde o nascimento, com repercussão direta ou indireta, sobre sua vida sexual e a educação sexual formal, deliberada, institucionalizada, feita dentro ou fora da escola. (Werebe, 1981, p. 106)

Ao falar da importância da formação docente para atuar em abordagens reflexivas voltadas para educação sexual, não podemos deixar de pensar na diversidade presente na realidade de nossas escolas.

Quando toda a diversidade presente no espaço escolar não é valorizada e trabalhada de maneira reflexiva, aumentam-se os abismos permeados por violência e preconceito. Assim, trabalhar a diversidade é uma importante ferramenta na busca pela formação de estudantes críticos, participativos e responsáveis pela transformação social.

Consideramos que seja preciso reconhecer a Educação Sexual como um saber necessário que possibilite o rompimento de ideias repressoras, preconceituosas e discriminatórias cristalizadas ao longo da história, além de ser também uma ação de cidadania e direitos que estimule a formação de um ser humano consciente de como se processam as relações sociais. Toda ação educacional no espaço escolar deve ser formativa e humanizadora, daí a necessidade de pensá-lo como um local privilegiado para a formação de crianças e jovens. (Monteiro; Ribeiro, 2020, p. 3)

Precisamos superar o discurso de que a sociedade mudou e voltar nosso olhar para qual o papel dos educadores em meio a tantas mudanças e dessa forma, enxergar as demandas envolvendo a sexualidade na escola como importantes e necessárias, tendo em vista os discursos de ódio que vem ocupando nossas escolas na atualidade.

Para Miskolci (2010):

A abordagem de forma respeitosa e sem preconceitos de questões de gênero e práticas sexuais pode criar um ambiente de convivência e aprendizado útil para todos. Afinal, a diferença não precisa ser uma marca, uma categoria ou um estigma, mas algo que nos faça

repensar velhos modelos em benefício de uma visão mais plural e democrática sobre a diversidade afetiva e sexual do presente. (p.87)

A Educação Sexual é um direito humano ligado à sexualidade, tanto para a OMS, quanto para a WAS. Esta ideia é defendida no Brasil por Figueiró (2009) de acordo com a afirmação:

[...] a educação sexual tem a ver com o direito de toda pessoa de receber informações sobre o corpo, a sexualidade e o relacionamento sexual e, também, com o direito de ter várias oportunidades para expressar sentimentos, rever seus tabus, aprender, refletir e debater para formar sua própria opinião, seus próprios valores sobre tudo que é ligado ao sexo. (p. 163).

Os cenários de violência que ocorrem na sociedade e conseqüentemente dentro dos muros das escolas, tem muitas vezes como pano de fundo episódios de intolerância envolvendo gênero, orientação sexual e outros fenômenos relacionados à sexualidade, sinalizando a urgência de uma formação docente na qual essas temáticas estejam inseridas.

Furlani (2007) afirma a necessidade de discutir como as identidades culturais são produzidas nas práticas sociais por meio de um processo de produção da diferença e, como essas podem ser apresentadas/representadas nos materiais pedagógicos, sendo esses aspectos indispensavelmente questionáveis em uma Educação Sexual que tem como objetivo problematizar o sexismo, a misoginia, a homofobia e as diversas formas de preconceito e exclusão.

Nesse cenário, o papel da escola além de importante é desafiador e estratégico, considerando que é nesse espaço que a complexidade envolvendo as diferenças pode ser discutida e problematizada com o objetivo de minimizar preconceitos partindo de uma visão que respeita a diversidade e combate às diversas formas de intolerância.

Para Cruz (2003), um programa de Educação Sexual deve incluir de forma obrigatória a análise e reflexão do tema preconceito. O moralismo seria um dos motivos que dificultam o estudo e discussão de temas referentes à Sexualidade Humana, o que conseqüentemente impacta na disseminação e realização de práticas menos repressivas focadas na diversidade.

Tanto o espaço escolar como um todo como a sala de aula, são lugares privilegiados para o trabalho envolvendo o reconhecimento da pluralidade de identidades e respeito às diferenças. Daí, a importância de se discutir a educação escolar a partir de uma perspectiva crítica e problematizadora, buscando questionar as relações de poder, hierarquias sociais

opressivas e processos de subalternização ou de exclusão, que as concepções curriculares e as rotinas escolares tendem a preservar (Veiga & Silva, 2018).

Pensando em todas as demandas da sociedade atual ligadas à formação de professores, temos a relação da escola como um ambiente socializador, uma vez que, é na escola que a criança entra em contato com a diversidade para além das experiências já construídas em sua família, tendo a possibilidade de acessar outros aspectos que envolvem a diversidade. Dessa forma dá-se a importância de relacionar a formação de professores à Educação Sexual, pois é esse profissional que atuará diretamente na mediação das relações no ambiente escolar, devendo atentar-se para a diversidade e para a individualidade envolvidas no processo das interações que ocorrem na escola.

É impossível imaginar alguma mudança que não passe pela formação de professores. Não estou a falar de mais um “programa de formação” a juntar a tantos outros que todos os dias são lançados. Quero dizer, sim, da necessidade de uma outra concepção, que situe o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores, ao longo dos diferentes ciclos da sua vida. (Nóvoa, 1999, p. 18)

Durkheim (2012) afirma que o papel do professor ultrapassa a formação sistemática, pois também deve contribuir para formação social de seu aluno e nessa perspectiva, ter acesso a educação sexual em sua formação, possibilita que ele possa vislumbrar uma educação que minimize os preconceitos perpetuados ao longo da história da humanidade.

Dessa forma, é indispensável investigar as práticas que envolvem educação sexual na formação docente como possibilidade de potencializar a formação de um perfil de profissional criativo e interdisciplinar, que compreenda o contexto educacional do século XXI, suas peculiaridades e o mais importante: que tenha condições de atuar positivamente nesse contexto. Deste modo, torna-se essencial a busca de novos conhecimentos por meio da formação profissional.

É necessário implementar projetos de Educação Sexual, seja por meio de programas governamentais, parceria com as famílias, apoio dos meios de comunicação e principalmente com a formação de professores especialistas nesse tema.

A Educação Sexual é uma ferramenta na formação integral do indivíduo e se trabalhada de forma intencional com objetivos definidos, levando em consideração sua importância, pode ser capaz de impactar na construção de uma sociedade que reconheça e respeite as diferenças.

3 SEXUALIDADE NA ESCOLA

Sexualidade é um conceito construído historicamente e sofre constantes influências do tempo e espaço, assumindo uma diversidade de significados que carregam crenças, tabus, comportamentos e concepções.

Por fazer parte do desenvolvimento natural do ser humano, a sexualidade acaba por ser manifestada das mais diferentes formas e espaços, sendo que assim como a família, o professor deve estar atento às questões envolvendo sexualidade no ambiente escolar, no sentido de acolher, orientar e intervir positivamente. O professor é uma referência importante e quanto mais preparado para as demandas que surgem, maiores são as chances de realizar um trabalho pautado na informação e na reflexão.

Conforme Maia e Ribeiro (2011):

A sexualidade é um conceito amplo e histórico. Ela faz parte de todo ser humano e é representada de forma diversa dependendo da cultura e do momento histórico. A sexualidade tem componentes biológicos, psicológicos e sociais e ela se expressa em cada ser humano de modo particular, em sua subjetividade e, em modo objetivo, em padrões sociais que são aprendidos e apreendidos durante a socialização. (pp.75-76).

Dessa forma, podemos dizer que a sexualidade permeia todas as manifestações humanas, sendo um aspecto natural do desenvolvimento humano que é vivenciado nas mais diversas interações sociais.

Sendo a escola, colocada atualmente, como um importante espaço onde ocorrem as mais diversas interações, esse espaço apresenta grande potencial para o desenvolvimento de intervenções organizadas intencionalmente sobre sexualidade, porém, ainda existem entraves, como bem coloca Soares & Meyer:

Muitas vezes, nas instituições escolares, as questões observadas a respeito da sexualidade não são expostas e discutidas profundamente. Geralmente essas questões não vão além daquilo que é visto como certo e errado, moral e imoral, adequado ou não, tornando-se alvo constante de fiscalização por parte das escolas, das famílias e da sociedade em geral. A heterossexualidade geralmente é vista como o modelo de comportamento “ideal”; a homossexualidade, em contrapartida, é vista como o “incerto” o “fora do normal” (Soares & Meyer, 2004, p. 36).

Mais uma vez, nos deparamos com as dificuldades do docente na abordagem e intervenção quando o tema está relacionado à sexualidade, situações são agravadas pela ausência de uma formação inicial e/ou continuada que o prepare para lidar com essas demandas recorrentes no ambiente escolar.

Ainda existe uma confusão quando se coloca a questão de preparar o educando para viver plenamente sua sexualidade, e nesse emaranhado de dúvidas, tabus, falta formação e informação acerca dos objetivos do trabalho com educação nas escolas.

Não é raro nos depararmos com comentários que comparam implementar a educação sexual nas escolas com incentivar crianças a terem relações sexuais ou ainda colocando os projetos que já acontecem nesse âmbito como uma tentativa de afrontar valores tidos como corretos pela sociedade.

Reforçando essa ideia, temos ainda, por diversos fatores como os elencados acima, uma escola que acredita que trabalhar a educação sexual é realizar uma palestra anual sobre prevenção à gravidez, ou tratar das ISTs nas aulas de ciências mostrando imagens assustadoras da evolução dessas doenças.

De acordo com Figueiró (2020), a sexualidade extrapola a dimensão biológica, sendo antes de tudo, uma condição humana influenciada pelo contexto no qual estamos inseridos desde o momento que nascemos, daí a necessidade do trabalho envolvendo a sexualidade no sentido de permitir aos sujeitos condições de construir relações saudáveis consigo mesmo e consequentemente com o outro.

A escola, enquanto instituição, ainda enfrenta muita resistência para abordar a educação sexual com foco emancipatório, sendo que relacionar essa abordagem como parte de um projeto maior, o projeto de vida, é uma das possibilidades de construir o conhecimento necessário para que o jovem viva sua sexualidade de forma responsável, sendo o protagonista de suas ações frente às demandas que envolvem a adolescência (SOARES, 2012).

Praticamente todas as escolas trabalham com o aparelho reprodutivo em Ciências Naturais. Geralmente o fazem por meio da discussão sobre a reprodução humana, com informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano. Essa abordagem normalmente não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, nem o interesse dos adolescentes, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui a dimensão da sexualidade. Sabe-se que as curiosidades das crianças a respeito da sexualidade são questões muito significativas para a subjetividade, na medida em que se relacionam com o conhecimento das origens de cada um e com o desejo de saber. A satisfação dessas curiosidades contribui para

que o desejo de saber seja impulsionado ao longo da vida, enquanto a não-satisfação gera ansiedade, tensão e, eventualmente, inibição da capacidade investigativa. A oferta, por parte da escola, de um espaço em que as crianças possam esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões, contribui para o alívio das ansiedades que muitas vezes interferem no aprendizado dos conteúdos escolares (BRASIL, 1999, p. 292).

A sexualidade é fenômeno biopsicossocial, e faz parte do crescimento e personalidade da pessoa. É a maneira de ser, compreender e viver o mundo através do nosso ser, como homens ou mulheres, assim como se expressa através da integração entre corpo e mente enquanto como elemento básico para a feminilidade ou masculinidade do indivíduo (GLAT, 2004). Desta forma podemos dizer que a sexualidade é algo intrínseco ao ser humano, que vai além dos aspectos biológicos e genitais e não se restringe apenas ao ato sexual.

Ainda, de acordo com Denari (2002), refere-se às formas de sentir, pensar e agir, que são aspectos imprescindíveis ao entendimento do ser humano em todas as suas dimensões. Nesse sentido, podemos entender a sexualidade dentro de uma dimensão plural, que envolve aspectos culturais, biológicos e psicossociais. Devendo assim, ser respeitada conforme a individualidade de cada indivíduo (MAIA; CANOSSA, 2003).

Mesmo diante de inúmeros avanços na pesquisa referente à educação sexual, a sexualidade ainda é vista de maneira polêmica no cotidiano das escolas. Figueiró (2020, p. 124) afirma que “a sexualidade é uma das questões que mais tem trazido dificuldades, problemas e desafios aos educadores, no seu trabalho cotidiano de ensinar”.

Diante desse conceito, é necessário pensarmos a educação sexual para uma escola tão plural. Segundo Furlani (2009),

A Educação Sexual deve começar na infância e, portanto, fazer parte do currículo escolar-as temáticas discutidas na educação sexual são conhecimentos imprescindíveis à formação integral da criança e do jovem. O sexo, o gênero, a sexualidade, a etnia, a classe social, a origem, a nacionalidade, a religião, por exemplo, são identidade culturais que constituem os sujeitos e determinam sua interação social desde os primeiros momentos de sua existência. (p. 45)

Dessa forma, é necessário que cada vez mais as pesquisas possam se debruçar sobre a investigação de ações voltadas para a formação inicial e continuada dos professores em educação sexual, possibilitando uma ampliação do mapeamento de ações que já ocorrem nas

escolas e como essas podem inspirar a busca por uma formação que atenda as necessidades dos educandos.

Precisamos, antes de pensar em materiais e recursos didáticos, quem são os professores, que estão atuando na rede e podem ser facilitadores desse trabalho em suas escolas, atuando inclusive, em parceria com as famílias, em intervenções planejadas e intencionais, capazes de promover transformações significativas no espaço escolar.

Formar não é disponibilizar um acervo de materiais, vídeos, jogos entre outros e “sugerir” que o tema sexualidade seja trabalhado. O docente precisa assumir o protagonismo dessa ação, voltando seu olhar, primeiro para as concepções que permeiam sua sexualidade e só depois, a possibilidade de atuar junto aos educandos, em um processo de troca de experiências que pode resultar em aprendizagem.

4 GÊNERO NA ESCOLA

É no espaço escolar e por meio de todas as interações que nele ocorrem diariamente e intensamente que a aprendizagem acontece e quando falamos em aprendizagem, é necessário ampliar nosso olhar para o que está sendo aprendido e ensinado: para além do cognitivo, na escola também se aprende sobre convivência, respeito e tantos outros aspectos que o termo aprendizagem consegue abarcar.

A escola mudou e as relações que ocorrem nela também sendo urgente que nesse contexto de mudança, os docentes estejam cada vez mais preparados para abordar questões envolvendo sexualidade e gênero na escola.

Junto a essa necessidade fica a pergunta: Como falar dessas questões, se muitos de nós, não recebemos formação, durante a graduação e nem de forma continuada para abordar e refletir sobre questões tão polêmicas aos olhos da sociedade?

Nessa perspectiva, é necessário não buscar mais a resposta para essa pergunta, uma vez, que a realidade está posta e não podemos mais fugir do assunto, desconversar ou ficar apontando as falhas em nossa formação, sendo imediato, estarmos abertos a buscar informação e formação que nos ajude a atuar junto aos estudantes colaborando para sua formação. Formação que deve considerar sua integralidade enquanto sujeito.

Para Aquino (1998), não é necessário partir da necessidade de formação de superprofessores, mas sim, de educadores que tenham clareza da sua importância para a formação psíquica, social e cognitiva de seus alunos que estejam abertos a incorporar em suas aulas conteúdos relacionados ao dia a dia dos alunos, como sexualidade, meio ambiente, pluralidades culturais entre outros.

A coexistência de uma diversidade de sujeitos e diversas construções culturais no interior da escola nos leva a pensar sobre como essas relações ocorrem na mesma medida em que ocorrem as exclusões, levando em conta, trajetórias tão desiguais (FREITAS, 2007).

Nunca se ouviu falar tanto em gênero: ideologia de gênero, igualdade de gênero, identidade de gênero, entre outros temas envolvendo esse termo, mas afinal de todas as contas, qual seria o significado desse conceito tão amplamente divulgado, principalmente com a ampliação do acesso à internet.

Quando falamos de gênero na escola, temos que ter clareza que não estamos falando simples e puramente de homem e mulher, mas de várias questões que envolvem todos os seres humanos, inclusive no que se refere às relações de poder que são capazes de produzir e reproduzir discursos que normatizam a sexualidade.

Para Figueiró (2009), sexualidade e gênero abrangem o corpo como um todo, envolvendo as diversas formas das relações entre os sujeitos, permeando seu pensamento e sentimento, fazendo-se presentes no corpo, no olhar, no toque, na libido, destacando o papel da educação sexual na escola como processo de intervenção pedagógica, livre de juízo de valor e normalização das identidades sexuais e de gênero nem sendo entendido de uma única forma: biológica, religiosa ou subjetiva.

Mesmo antes do nascimento, a sexualidade e as identidades de gênero são constituídas, sendo que a sexualidade vai além do sexo biológico, sendo permeada por vários fatores históricos e culturais. Como corrobora a ideia de Louro (1997, p. 22-23):

[...] É no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros. [...] As concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem.

Dessa forma, podemos dizer, que não podemos falar de gênero partindo de um conceito limitado, uma vez, que para além do sexo biológico, estamos falando sobre construções sociais, ou seja, o que nossa sociedade entende como comportamento e ou papel de um indivíduo com base em seu sexo biológico.

Nesse ponto, retomo minha experiência com o biscoito sexual, como problematizar com os estudantes, de uma escola de ensino médio, que uma menina, que se vestia como menina, se comportava como menina, nasceu com sexo biológico de menina, agora não se enxergava mais nesses comportamentos esperados para uma menina?

Indo além, como refletir, sobre a possibilidade de não estando mais confortável em todos esses aspectos, escolher ser e estar de outra forma na sociedade de uma forma geral?

Para Saffioti (2015), gênero é um conceito que surge com o estudioso Robert Stoller em 1968, mas foi por meio de um artigo de Gayle Rubin, em 1975 que estudos relacionados à gênero começaram a se espalhar, estudos esse que num primeiro momento propunham que ser homem e ser mulher, iria além do sexo biológico, colocando ser homem e mulher como uma construção social.

Dessa forma, compreender que as diferenças sexuais são construídas socialmente é assumir a influência que instituições como por exemplo a escola tem sobre impor e ou reforçar o que está posto sobre o que é ser menino e o que é ser menina.

A escola é capaz de reforçar e reproduzir desigualdades e diferenças por meio das normas impostas socialmente, basta olharmos, por exemplo, a divisão de brinquedos de menina e de menino, filas separadas por meninos e meninas, práticas esportivas que por vezes excluem meninas, entre outras inúmeras situações do cotidiano escolar capazes de produzir diferenças entre ser menino e ser menina.

Como destaca Louro (2014), começa nos manuais mais antigos a moldar o corpo da criança. “O modo de sentar e andar, as formas de colocar cadernos e canetas, pés e mãos acabariam por produzir um corpo escolarizado, distinguindo o menino ou a menina que “passara pelos bancos escolares”” (LOURO, 2014, p. 65 e 66).

Acompanhamos e aplaudimos a última moda do momento: o chá revelação, que começou timidamente com pessoas reunidas, em torno de um bolo de festa que ao ser cortado, revelaria a cor rosa caso a gestante estivesse esperando uma menina e azul caso fosse um menino. Esses chás já evoluíram para grandes eventos, que envolvem ir com vestimenta azul ou rosa de acordo com seu palpite para o sexo da criança, fumaças coloridas que revelam em cores azul ou rosa o sexo biológico que está por vir e uma série de outros simbolismos, reforçados pelos milhares de compartilhamentos na internet e pela indústria de eventos para revelar ao mundo qual o sexo biológico de mais um habitante do planeta que está por vir.

Pensar na proporção que ritos como esse tomam nos dias de hoje é preocupante, uma vez, que hipervaloriza o sexo biológico como a única forma de definir os comportamentos reduzindo-os em “mundo azul e o mundo rosa”.

Comportamentos assim, criam raízes, raízes essas, que dificultam o trabalho da escola ao problematizar as questões envolvendo o gênero para além do sexo biológico. Como afirma Louro:

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir efetivamente o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações entre homens e mulheres numa sociedade importa ressaltar não exatamente seus sexos, mas o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir através de uma nova linguagem na qual o gênero será um conceito fundamental (LOURO, 1997a, p. 21).

Figueiró (2014) aponta que é fundamental que a formação continuada tenha ligação com os problemas que ocorrem na sala de aula, sendo um desses “problemas” a educação sexual, uma vez que os professores não têm base teórica para se trabalhar a educação sexual sem tabus, considerando-a como essencial para a formação do educando

Não é aceitável que os docentes não tenham base para discutir e problematizar essas questões na escola. Não é admissível que neste século em meio a tantos retrocessos e discursos de ódio contra o trabalho que ocorrem nas escolas, não se busque por possibilidades de trabalho de informação e formação dos educandos levando em conta toda sua complexidade e integralidade.

A resposta para maioria dos impasses enfrentados na educação sexual nas escolas é formação docente e na ausência de políticas públicas voltadas para esse tema, falta de ações pensadas pelas secretarias municipais e estaduais de educação e invisibilidade pública reforça pelos distorções produzidas pelas mídias, que pesquisas como essa apontam caminhos e ampliem possibilidades.

5 GÊNERO E RACISMO

Grada Kilomba (2019), em seu livro “Memórias de Plantação Episódios de Racismo Cotidiano”, intitula um dos capítulos como Racismo Genderizado, termo que eu desconhecia e o qual me despertou imensa curiosidade. Grada inicia esse capítulo narrando um episódio pessoal, enquanto uma menina negra, com seus aproximadamente 13 anos, que procura um médico por estar gripada e ao final da consulta, recebe um convite para ser empregada da família dele, homem, branco, em um período que estariam de férias em Portugal.

Esse episódio, assim como na menina que passa por essa situação, nos causa vertigem e junto com ele, inúmeros outros episódios passam pela nossa cabeça, ainda mais, quando vivenciamos em nosso cotidiano, junto com os nossos, cenas parecidas e não digo piores, pois se tratando de sofrer racismo, todos os episódios são dolorosos.

Para Lima (2018):

É importante salientar que não é somente no campo socioeconômico que o racismo afeta diretamente a população negra. A depreciação e coisificação de corpos negros, além da criação de mitos sobre a sexualidade da mulher negra, são exemplos de como o racismo pode afetar também a subjetividade e as vivências afetivo-sexuais de homens e mulheres negras (p. 21).

Gostaria de saber como me autodeclarar. Desde muito pequena, a sociedade me disse que mesmo minha mãe sendo uma mulher negra, eu não era. Eu era “moreninha”, “morena clara”, “mulata”. Lembro-me de minha mãe contar, que ainda bem pequena, quando saía de carrinho comigo na rua com a fralda me cobrindo por conta do sol, os conhecidos a abordavam para me ver, e era comum, as pessoas verbalizarem: “nossa, ela não é preta”. O racismo é algo tão fincado na sociedade, que não passava pela cabeça das pessoas, que minha mãe, sendo uma mulher negra, podia ter se relacionado com um homem branco. Como uma mulher negra, tem uma filha de pele mais clara? Incontáveis vezes eu ouvi isso. Na escola, logo nas primeiras séries do ensino fundamental, ao perceber que as crianças da turma riam de mim, dizendo que eu era adotada, porque viram minha mãe negra, a professora imediatamente interveio: Existem muitos negros trabalhadores, que são bons e quantos brancos, ruins e vagabundos? A sala em silêncio. Eu, com minha pouca idade, me senti salva por ela. Hoje percebo o quanto suas palavras, nesse dia, machucaram a mim e a minha família. Ela reproduzia, para uma sala cheia de crianças, em fase de aprendizagem, que mesmo sendo negra, minha podia ser boa e

trabalhadora “mesmo sendo”. Hoje mais velha, além de um olhar crítico para com as palavras da professora, diga-se de passagem, muito amada e admirada por mim, consigo identificar também, que lugar da sociedade ela ocupava e que lugar eu e minha família ocupávamos.

Dessa forma, podemos dizer que gênero e raça são inseparáveis, partindo de uma perspectiva que raça não pode ser separada de gênero e gênero não pode ser separado de raça, sendo que raça e gênero interagem entre si (Kilomba, 2019, p 94)

Atuando com os jovens do ensino médio, fico pensando no quanto tenho responsabilidade sobre o que eu falo, seja em um contexto de aprendizagem formal ou não e nessa questão, penso na importância da escola enquanto instituição que tem como objetivo a formação integral do estudante para além dos conteúdos, mas para a vida.

Recentemente, em um encontro virtual com a psicóloga que acompanha os profissionais na escola em que trabalho, a mesma se apresentou para o grupo. Ao abrir a câmera e um dos professores vendo que se tratava de uma mulher negra, não conteve sua emoção e verbalizou: finalmente uma psicóloga da minha cor, é a primeira vez que vejo uma psicóloga da minha cor. Isso me atravessou como pessoa e como profissional e talvez, nesse momento, eu tenha entendido a importância da representatividade que tanto tem se falado. Não preciso dizer que a escolha da profissional para atender nossa escola, não se deu por esse motivo. Não tínhamos acesso à foto, somente ao currículo, mas o quanto isso impactou na vida de uma pessoa, é imensurável.

Outro dia, falando com uma amiga, ela me contava sobre uma mãe de uma estudante de sua escola, que estava reclamando que o filho apanhava das outras crianças por ser negro. Essa amiga, diretora, experiente e muito competente, estava averiguando essa reclamação, atenta aos intervalos, conversando com a responsável, com o menino e ofereceu também à essa responsável, o atendimento com a psicóloga para apoiar mãe e estudante. No dia da conversa, ela me contou que sua supervisora, orientou que para participar da conversa para oferecer esse serviço, com essa mãe tão fragilizada, estivesse presente além delas uma supervisora negra. Na hora me dei conta: que sensibilidade ao pensar em uma pessoa que a mãe se reconhecesse nos problemas enfrentados e sentisse o acolhimento de suas dores. Minha amiga disse que foi a primeira conversa produtiva de todas até então, talvez, porque essa mãe se sentiu representada e apoiada por uma mulher como ela. Mais uma lição, que não está nos cursos de pedagogia, aprendida com sucesso.

Acolher significa apoiar, amparar. O acolhimento aproxima as pessoas, estabelece

conexões e vínculos, baseados na confiança. Acolher é mostrar-se aberto ao outro e permitir que ele também se abra. O ato de acolher se relaciona à presença, possibilitada pelo que há de mais simples: um olhar, uma palavra, um gesto de incentivo. (DAMASCENO, 2020).

A autoestima, a identidade das pessoas negras se constroem a partir desse viés, dessas referências, de uma sociedade racista e, no caso do Brasil, hipócrita, por negar isso até os dias de hoje (Collins, 2019a).

Todas as histórias são importantes e podem ser usadas para expropriar ou reforçar o mal, podendo ser utilizadas para humanizar e empoderar pessoas, tendo o poder de fazer um resgate da dignidade de um povo e de sua história (Chimamanda, 2019)

Nesse ponto, fica o questionamento: Que histórias estão sendo contadas na escola? Quem as conta? De que lugar? O que é ensinado? Quem aprende? Como aprende?

A sociedade é plural, sendo necessário que os educandos se reconheçam nessa pluralidade, conheçam os diversos formatos de famílias, as sexualidades, sexualidades, as relações de gênero e acima de tudo o respeito que envolve conviver em meio a toda essa diversidade. O docente precisa estar comprometido com um trabalho de reflexão e ação na escola, trabalho esse que compreenda a sexualidade como parte do ser humano e sendo assim, indispensável na formação dos educandos.

A escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas ela tem sido um dos locais centrais da produção das identidades, na “fabricação” de sujeitos. A estrutura arquitetônica da escola, os lugares permitidos e proibidos, os símbolos, códigos e regras para afirmar o que cada uma pode (ou não pode) fazer, as falas, os silenciamentos, os gestos vão, pouco a pouco, ensinando meninos e meninas a ser de determinada maneira, se reconhecer e se pensar de determinado jeito. (Silva & Magalhães, 2008, p.140)

Não podemos mais assistir, sentados, crianças sofrendo por serem negras, por serem meninas, por gostarem de todas as cores, por não manifestarem a sexualidade como sociedade espera de acordo com seu sexo biológico entre tantas outras situações que podem ser evitadas com uma educação sexual emancipatória nas escolas.

Dessa forma, é essencial que a educação sexual escolar seja pluralista e reconheça a multiplicidade de comportamentos e valores, partindo da ideia de que não há uma verdade absoluta. O trabalho com educação sexual nas escolas deve considerar como objetivo central, a criação de espaços de reflexão com o olhar voltado para aspectos sociais e culturais. A escola deve ser reflexiva em sua dinâmica, do contrário, seguirá reproduzindo padrões, reforçando

tabus e priorizando formas de ensinar e aprender que não contribuem para a transformação da sociedade.

6 CONHECIMENTO COMO FERRAMENTA DE INTERVENÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR

Precisamos, portanto, de uma escola que inclua e repense suas práticas educacionais e o papel dos docentes na educação sexual de crianças, jovens e adultos partindo de discussões envolvendo gênero e suas interseccionalidades. Mudanças essas que tem acontecido historicamente, todavia, ainda é necessário maior formação para “furar bolhas” que envolvem o tema.

Para que a educação sexual seja uma ação efetiva na escola, o educador sexual precisa de um conjunto de conhecimentos técnicos que segundo Reis e Ribeiro (2005) seriam: conhecimentos gerais de anatomia/fisiologia humana; noções específicas de psicologia e relações humanas; desenvolvimento psicossocial; IST; questões de repressão sexual e uma didática específica para a aplicação de uma Educação Sexual Emancipatória.

Conforme Figueiró (2014):

Se pensarmos que a finalidade maior da Educação Sexual é contribuir para a possibilidade de o educando possa viver bem a sua sexualidade, de forma saudável e feliz e, ao mesmo tempo, contribuir para que ele seja apto a participar da transformação social, em todas as questões ligadas direta ou indiretamente à sexualidade, podemos concluir que o professor cujo objeto de ensino é a sexualidade, de forma humanizadora, está sendo um mediador de esperanças e de projetos de vida. (p. 19).

Ainda é preciso ascender o caráter de responsabilização sobre educação sexual nos espaços escolares não apenas como conteúdo biológico, mas pensar em ações pedagógicas que atendam verdadeiramente às necessidades dos estudantes, proporcionando conhecimento e diminuindo violências sexuais contra as crianças, por exemplo.

Souza e Milani (2020) afirmam que os educadores precisam estar dispostos a refletirem sobre as questões que envolvem a sexualidade com lentes neutras, sem julgamentos e baseadas em argumentos cientificamente comprovados, ao mesmo tempo em que é construída uma integração entre família e escola, possibilitando um trabalho pragmático e enriquecedor, que preze pelo respeito e pelo amadurecimento do ser humano (p. 77).

No âmbito educacional que proporcione uma educação sexual emancipatória se faz necessário refletirmos sobre a formação docente, pois é um ponto de debate para constituição

de uma escola que esteja realmente alinhada com o diálogo na tentativa de desenvolver ações planejadas e intencionais, pois compreendemos que esta é uma discussão complexa, e envolve diversas variáveis do meio, que não compreendem apenas o conteúdo que é oferecido como formação para esses profissionais ou a estrutura a eles oferecida para trabalhar, essa problemática da formação de professores envolve também a aceitação por parte do indivíduo, suas escolhas, a bagagem que traz de fora da escola e outros aspectos muito relevantes e necessários para transitar pelos temas com maiores chances de atingir principalmente os jovens.

Maia e Ribeiro (2011) apontam que para se obter uma Educação Sexual crítica e emancipatória, espera-se que haja uma formação continuada de agentes escolares e professores/as, por meio de cursos de caráter contínuo, parcerias com universidades, principalmente as públicas e ações que aconteçam com participações de estudiosos no assunto e que possam fazer parte do Plano Político Pedagógico da Unidade Escolar.

Partindo do princípio de que a formação de professores é um processo complexo que sofre a influência de diversas variáveis do meio social, nos questionamos acerca de como realizar, oferecer uma formação de qualidade que possibilite a esse profissional ter bases teóricas e práticas que subsidiem sua prática cotidiana.

Muitos professores estão adentrando as escolas com ideais de alunos, sala de aula de séculos atrás e quando eles se veem frente a problemas de comportamento, de aprendizagem em sala de aula, ficam perdidos e não sabem onde encontrar referenciais que os auxiliem a criar estratégias que, não só amenizem ou extingam os problemas, mas também que previnam as possíveis adversidades que as relações interpessoais e as variáveis do ambiente produzem.

A Educação Sexual deve ser uma estratégia efetiva na formação de cidadãos, levando-os a desenvolver sua sexualidade de forma autônoma, combatendo preconceitos e vivenciando sua sexualidade de forma responsável e segura.

Maia e Ribeiro (2011) reforçam essa ideia:

Uma Educação Sexual adequada deveria fornecer informações e organizar um espaço onde se realizariam reflexões e questionamentos sobre a sexualidade. Deveria esclarecer sobre os mecanismos sutis de repressão sexual a que estamos submetidos e sobre a condição histórico-social em que a sexualidade se desenvolve. Deveria também ajudar as pessoas a terem uma visão positiva da sexualidade, a desenvolver uma comunicação mais clara nas relações interpessoais, a elaborar seus próprios

valores a partir de um pensamento crítico, a compreender melhor seus comportamentos e o dos outros e a tomar decisões responsáveis a respeito de sua vida sexual. (p. 79).

Partindo de uma formação com foco emancipatório, é possível possibilitar aos professores, construir práticas que caracterizem a escola como um espaço inclusivo, pois esse olhar nos remete unicamente para a busca de potencializar o aluno e o conhecimento referente à educação sexual.

Desse modo, Nascimento (2006) coloca a importância dos espaços educativos nos quais os sujeitos estão inseridos, uma vez que a presença do diálogo, do debate e planejamento de ações possibilitam aos adolescentes maiores condições de elaborar suas hipóteses sobre diferentes assuntos e superar dificuldades que venham a encontrar nesse processo de descobertas.

No Brasil, a orientação sexual nas escolas é regulamentada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (Brasil, 1997). Essa orientação é encarada como uma ação complementar à educação não formal oferecida pelas famílias, por exemplo. Segundo esse documento, a escola só deve se posicionar em relação à cultura familiar quando estas violarem os direitos constituídos por lei. No mais, a escola inclusiva deve fornecer informações/conhecimentos sobre os conceitos próprios da sexualidade humana, incentivar a pesquisa a respeito de como as diferentes culturas se relacionam com a sexualidade, bem como explicitar e problematizar determinados preconceitos internalizados e “naturalizados” social e culturalmente. Dessa forma, os PCN abordam a sexualidade em relação aos aspectos biológicos, psíquicos, sociais e culturais.

Segundo Albuquerque (2007), mesmo os PCNs dando a recomendação, na maior parte das escolas brasileiras não existem programas de orientação sexual para jovens. Precisamos, portanto, ampliar o olhar sobre uma educação sexual e uma escola que dialogue com a pluralidade e a especificidade de cada sujeito como pilares de espaço democrático para informação/conhecimento referente a temática. Precisamos fomentar a temática da sexualidade no currículo escolar de forma responsável e crítica, preocupada com a dignidade humana, voltada para atender à necessidade de todos os alunos viverem sua sexualidade de forma plena.

Sendo assim, a abordagem de Educação Sexual que se encontra mais alinhada à educação sexual como ferramenta de transformação é a *A Abordagem Emancipatória da Educação Sexual*, por abarcar a importância e a necessidade de compreender a diversidade de

aspectos envolvidos na vivência da sexualidade, considerando comportamentos sexuais que estão intimamente associados às estruturas econômicas, culturais e políticas.

Conforme Figueiró (2010):

A necessidade de transformação social, cultural, econômica e política da sociedade constitui-se na premissa fundamental a partir da qual emergiu, e com a qual está comprometida a *Abordagem Emancipatória da Educação Sexual*, inicialmente proposta pela Dra. Maria Amélia Azevedo [Goldberg] (1988), em sua obra intitulada *Educação Sexual: uma Proposta, em Desafio*. (p. 119).

Trabalhar com a proposta da *Abordagem Emancipatória da Educação Sexual* é um grande desafio tendo em vista, a necessidade da mobilização de saberes por parte do professor na busca por práticas significativas que tenham a reflexão e problematização de questões sobre sexualidade como parte indispensável de suas intervenções no contexto escolar.

Dessa forma, reforçamos a necessidade de formação inicial e/ou continuada para que esses objetivos envolvendo a educação sexual na escola sejam no mínimo vislumbrados, para que ocorram avanços no trabalho com a temática.

7 BREVE HISTÓRICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO SEXUAL (PPGE_dSex)

Documentar a história é imprescindível para que dados importantes não sejam perdidos com o tempo. Resgatar dados é reconstruir a história e nesse resgate, temos a possibilidade de dimensionar todo o processo envolvido na construção de uma história. Dessa forma, o resgate do percurso histórico do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual é uma forma de compreender a relevância das produções deste programa para o avanço das pesquisas em educação sexual, tendo em vista, os retrocessos pelos quais temos passado quando o assunto é educação sexual.

Outro ponto importante desse resgate se deve ao fato de analisarmos algumas dissertações defendidas no período de 2015 (ano das primeiras defesas) a 2022, desse programa e como essas contribuem e impactam na ampliação das discussões que envolvem a educação sexual na formação docente.

Neste capítulo temos como intento, relatar o percurso histórico da constituição do Programa em Educação Sexual de acordo com os estudos e levantamentos realizados por Bedin (2016).

O professor Paulo Rennes Marçal, em fevereiro de 2000, o professor Paulo encaminhou para o então coordenador de Pós-Graduação em Educação Escolar da FCL/UNESP/Araraquara, professor Newton Duarte, um ofício formalizando a solicitação da vinculação do Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX) ao PPGE_dEsc para que este núcleo de pesquisa tivesse um respaldo institucional e não funcionasse de forma isolada da FCL, recebendo parecer favorável.

Em agosto de 2000, a coordenação do Programa de Pós-Graduação enviou ao professor Cláudio Bendito Gomide de Souza, então diretor da Faculdade de Ciências e Letras, uma solicitação para que fosse providenciado no âmbito da unidade universitária um reconhecimento institucional do NUSEX.

Setembro de 2000, o grupo passa a ser reconhecido institucionalmente e dá início a outra etapa: solicitar uma sala para acolher o Núcleo, solicitação atendida somente em outubro de 2021, ano na ocasião em foi desocupada a sala 110. Dessa forma o Núcleo de Estudos da Sexualidade conquista seu primeiro espaço físico para o desenvolvimento de suas atividades.

O grupo permaneceu em atividade entre 2002 e 2004 publicando livros e realizando eventos.

Em 2003 dois momentos importantes marcam o NUSEX: a Feira de Sexualidade “Pensando naquilo...”, que ocorreu em parceria com o SESC, a Secretaria Municipal de Saúde de Araraquara, o Centro de Referência do Jovem e do Adolescente, o CEAO “Dante Moreira Leite” e a 26ª Reunião Anual da ANPED, que ampliou o reconhecimento do grupo.

Em 2005 o professor Paulo Rennes ocupava o cargo de vice-diretor da Faculdade de Ciências e Letras e realizou mais uma solicitação : transformar o espaço do NUSEX em um Laboratório de Ensino e Pesquisa em Sexualidade (LASEX) .

Muitos entraves envolveram essa solicitação e o pedido foi aprovado após um ano e três meses após, em agosto de 2006. Nos primeiros anos de NUSEX dois eventos de abrangência nacional, foram muito importantes para o reconhecimento por parte de profissionais da área da Sexualidade :Simpósio “Paraná – São Paulo” de Sexualidade e Educação Sexual, que teve 200 participantes de oito estados do país e a vinda da professora Sonia Melo, da UDESC, para ministrar a disciplina Paradigmas de corporeidade e a formação dos profissionais de educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar.

No ano de 2008 aconteceram dois grandes empreendimentos que ajudaram o NUSEX em seu crescimento e reconhecimento, a organização e realização do I Congresso Brasileiro de Educação Sexual e o recebimento do primeiro auxílio financeiro dado pela Reitoria da UNESP.

No ano de 2009 foi apreciado um pedido do professor Paulo Rennes, feito a partir de ofício encaminhado em dezembro de 2008 ao professor Cláudio Gomide de Souza, diretor da FCL, o qual tratava da criação do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual e Sexualidade. Tal proposta havia surgido em novembro de 2007, durante o II Fórum de Pesquisadores da UNESP do campo da Sexualidade e da Educação Sexual, realizado por iniciativa do Núcleo de Estudos da Sexualidade, em Araraquara, ocasião em que foram iniciadas discussões sobre a proposta do Programa, seu regulamento, linhas de pesquisa e disciplinas a serem oferecidas. Pode-se dizer que foi a primeira tentativa do NUSEX e não aprovada pela Comissão Central de Pós Graduação (CCPG).

O Professor Paulo Rennes, então recorre à PROPG apresentando um recurso diante reprovação da proposta, porém a reprovação é mantida por parte da CCPG, o que leva o professor Paulo Rennes , em junho de 2009 encaminhar uma proposta de readequação.

Em novembro de 2010, um novo parecer favorável foi feito pela CCPG e por unanimidade foi criado o Curso de Mestrado em Educação Sexual.

O formato do curso vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar ,não foi aprovado pela CAPES, uma vez que o curso que foi aprovado teria que ser independente, o que culminou na criação do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual.

O corpo docente inicial do PPGEducSex foi composto pela equipe de docentes: Paulo Rennes Marçal Ribeiro, seu primeiro coordenador; e Ana Cláudia Bortolozzi Maia, Andreza Marques de Castro Leão, Célia Regina Rossi, Fábio Tadeu Reina, Fátima Elisabeth Denari, Luci Regina Muzzeti, Luiz Antonio Calmon Nabuco Lastória, Márcia Cristina Argenti Perez, Maria Alves de Toledo Bruns e Sueli Aparecida Itman Monteiro, juntamente com quatro professores visitantes estrangeiros: Maria Isabel Chagas (Universidade de Lisboa), Maria Filomena Teixeira (Escola Superior de Educação de Coimbra), Maria Teresa Vilaça (Universidade do Minho) e Eladio Sebastian Heredero (Universidade de Alcalá de Henares). A primeira turma de alunos ingressou em 2013, uniram-se mais três docentes ao Programa, a professora Débora Raquel da Costa Milani, Patrícia Porchat Pereira da Silva Knudsen e Vagner Sérgio Custódio. A segunda turma de alunos ingressou em 2014 e mais duas professoras passaram a integrar o corpo docente, sendo elas: Ana Paula Leivar Brancaloni e Denise Maria Margonari. Neste mesmo ano foi realizado o processo seletivo para a terceira turma do mestrado, os alunos ingressaram em 2015, ano também que foram defendidas as dissertações dos discentes da primeira turma.

Atualmente o corpo docente do Programa é composto por vinte e dois professores , sendo que onze deles , já citados anteriormente permanecem e mais onze, ao longo desses anos, juntaram-se ao Programa sendo: Andre Luiz Gellis, Caio Padovan Soares de Souza , Clarice Pimentel

Darbi Masson Suficier ,Fernanda Silveira Corrêa ,Florêncio Mariano da Costa Junior ,Josiane Cristina Bocchi ,Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa , Raquel Baptista Spaziani ,Ricardo Desidério da Silva e Rinaldo Correr.

Como docente colaboradora temos Maria Alves de Toledo Bruns e os docentes visitantes estrangeiros permanecem os citados anteriormente.

Sendo o campo da sexualidade humana e da educação campos de extrema importância para atuação profissional, é necessário que sejam oferecidos contributos para que esses profissionais tenham condições de desenvolver um trabalho que envolva a diversidade de questões sexuais que naturalmente surgem no cotidiano da sociedade nos mais diferentes espaços.

Dessa forma, o Programa Pós-Graduação em Educação Sexual oferece Curso de Mestrado em Educação Sexual na modalidade profissional que tem como objetivos:

I – Desenvolver estudos a nível de pesquisa e extensão à comunidade no campo da sexualidade e da educação sexual visando contribuir para a formação de profissionais das áreas de Educação e Saúde do Brasil e do exterior;

II - Aperfeiçoamento da qualidade dos setores sociais da administração pública nas áreas de Educação e Saúde;

III – Capacitar recursos humanos vinculados ou com possibilidades de vinculação nos serviços públicos de educação e saúde, universidades e faculdades, em questões de sexualidade e educação sexual, considerando o que preconiza a própria Portaria Normativa nº 17 do Mestrado Profissional, sobre “a necessidade de estimular a formação de mestres profissionais habilitados para desenvolver atividades e trabalhos técnico-científicos em temas de interesse público;

IV - Conferir o grau de Mestre em Educação Sexual, modalidade Mestrado Profissional.

Podemos concluir que o Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual com certeza preencheria importante lacuna na formação acadêmica dos professores e de profissionais de outras áreas, tendo em vista, o fato de estarem envolvidos de forma direta e constante com as mais variadas questões e situações ligadas à sexualidade.

Analisar as contribuições desse Programa, fortalecem o fomento de pesquisas na área de Educação Sexual, bem como reforça a necessidade de realizar estudos que contribuam para a implantação de programas de educação sexual nos diferentes segmentos da sociedade, possibilitando ainda, que preconceitos sejam superados no que se refere a educação sexual, principalmente em escolas.

8 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste estudo temos como objetivo verificar como a Educação Sexual e as ações de formação de professores são apresentadas nas produções do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual na UNESP de Araraquara, analisando impasses e possibilidades no trabalho de formação do professor em educação sexual.

Em relação a metodologia, será utilizada na pesquisa, a abordagem qualitativa, partindo da ideia de que o método qualitativo busca explicar o porquê das coisas. Nesse trabalho abordaremos os impasses e possibilidades apresentados nas dissertações. Desta forma, pretendemos verificar as questões principais das dissertações escolhidas, impasses e possibilidades e estabeleceremos quadros para análise.

Acreditamos que a abordagem da pesquisa qualitativa seja a mais indicada para esta dissertação, pois preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão. Mantém-se o entendimento de que neste tipo de pesquisa o pesquisador precisa ser cauteloso para não permitir que seus preconceitos e julgamentos prejudiquem a pesquisa.

Ainda em acordo com Minayo (2002) as pesquisas qualitativas se preocupam com um nível de realidade que não pode ser quantificado, uma vez que trabalha com “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” (p.21).

As autoras Ludke e André (1986) afirmam que o pesquisador deve ter o cuidado em refletir sobre o processo estudado, situando-o dentro de um contexto sociocultural mais amplo. Ainda dizem que por meio de diversas leituras e releituras é possível organizar os dados para analisá-los.

Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa será basicamente de Revisão Sistemática, com a utilização das palavras-chave: sexualidade, educação sexual e formação de professores para encontrar nas bases de dados do site da FCL no campo teses e dissertações do programa de Pós- Graduação em Educação Sexual, no qual são disponibilizados, em pdf, os trabalhos após a defesa. Bem como terá caráter bibliográfico, pois a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites, que darão embasamento às nossas discussões.

Abaixo apresentaremos um quadro contendo o mapeamento das 24 pesquisas levantadas para iniciar a seleção e a análise dos dados:

Quadro 1

Produções nas quais constam as palavras chaves:sexualidade,educação sexual e formação de professores

Título	Autor	Palavras-chave	Defesa
1-O jogo pedagógico como instrumento para educação sexual de facilitadores e estudantes jovens: análise do material “em seu lugar”	Anne Kariny Iemos rocha	Sexualidade, educação sexual, jogo, material didático, adolescência, Formação de professores.	14/08/2 015
2-A educação sexual e suas entrelinhas nas concepções dos gestores	Adriana Zocca Simões Barrozo	Sexualidade. Educação sexual. Escola. Gestor.	11/09/2 015
3-Educação sexual, saúde e sexualidade: (re)significando as relações entre pais e filhos	Andréia Serrano Cayres Rapatão	Sexualidade. Educação sexual. Família. Infância. Adolescência. Escola	28/09/2 015
4-Cursos de formação continuada em educação sexual que empregam as tecnologias digitais	Gabriella Rossetti Ferreira	Sexualidade. Educação sexual. Formação.	29/09/2 015

		Tecnologia digital. Educação a Distância.	
5-A educação sexual e o conservadorismo no currículo da rede estadual de ensino de São Paulo	Érick Roberto Freire de Araújo Silva	Educação sexual, currículo, material didático	01/07/2 016
6-Análise da formação e da prática em educação sexual de professores/as de ciências e biologia de escolas estaduais de Macapá/AP	Izelma de Souza Costa	Educação sexual. Formação de professor/a. Ciências e biologia.	15/07/2 016
7-Educação sexual e comunicação: o rádio como alternativa pedagógica nas escolas a partir de uma intervenção	Aline Santana Castelo Branco	Rádio escola; educação sexual; educomunicação; intervenção	02/12/2 016
8-Educação em sexualidade, sexualidade e gênero: desafios para professoras(es) do ensino infantil	Rita de Cassia Vieira Borges	Educação em sexualidade; sexualidade e gênero; ensino infantil.	16/02/2 017

9-Educação sexual de crianças e adolescentes em abrigos: o lugar do educador	Flávio Henrique Firmino	Abrigos, educação sexual, psicanálise, sexualidade.	21/02/2017
10-Investigando resistências à educação sexual: considerações psicanalíticas e queer a partir de escritos de Deborah Britzman	Gelberton Vieira Rodrigues	Educação sexual. Resistências. Psicanálise. Teoria queer. Deborah Britzman.	14/03/2017
11-Concepções de profissionais da educação e saúde em sexualidade: proposta interventiva e assessoramento para projetos de educação sexual em Abaetetuba-PA	Suellen Silva Rodrigues	Formação. Sexualidade. Professor. Profissionais de saúde.	17/08/2017
12-Gestor escolar: sua influência na construção do projeto político pedagógico no que tange a educação sexual	Ana Maura Martins Castelli Bulzoni	Gestores escolares, formação de educação sexual, projeto político pedagógico.	21/11/2017
13-A história da criação do papo jovem: um projeto de educação sexual integrado ao	Rita Cássia Pereira Bueno	Sexualidade, educação sexual, adolescência, intervenção escolar.	15/01/2018

currículo de uma escola de ensino fundamental e médio			
14-Sexualidade humana e educação sexual: elaboração e análise de formação continuada para professores/as do ensino fundamental	Lorena Christina de Anchieta Garcia Pola	Educação sexual, formação de professores, projeto político pedagógico.	22/02/2018
15-Sexualidade, educação sexual e gênero: uma análise destas temáticas nas produções de um programa de pós-graduação em educação sexual	Paula Camila Argenti	Educação sexual. Sexualidade. Gênero. Formação docente.	28/02/2018
16-Infância, gênero e educação infantil: percepções e ações na formação continuada dos educadores	Vanessa Cristina Sossai Camilo	Educação sexual; formação docente; sexualidade; educação infantil; gênero.	25/09/2019
17-Infância, gênero e educação infantil: percepções e ações na e para a formação inicial do pedagogo	Ariane Crociari	Educação infantil, educação sexual, formação inicial, gênero, infância.	24/01/2020
18-A educação sexual como ferramenta de combate à objetificação da mulher negra	Elton Vinicius Lima dos Santos Santos	Educação sexual. Objetificação. Mulher negra.	19/02/2020

		Escravidão. Sociedade	
19-O humor no processo de ensino-aprendizagem de educação sexual: foco na formação de alunos de ensino médio.	Roberta Seixas		27/02/2020
20-Desvelando a sexualidade na educação: repensando estratégias para formação de educadores em educação sexual	Aline Patrícia de Souza	Formação continuada; educação sexual; educação.	18/02/2021
21-Fundamentos e práticas educativas sobre gênero e sexualidade na formação inicial do pedagogo para atuação na educação infantil	Guilherme de Souza Vieira Alves	Formação inicial. Pedagogia. Gênero. Sexualidade. Educação infantil.	23/02/2021
22-Educação sexual a distância: revisão da literatura e análise de cursos no brasil	Karla Cristina Vicentini de Araújo		24/02/2021
23-Educação sexual e formação de professores: uma revisão bibliográfica sistemática	Ana Regina Branco de Miranda	Educação sexual. Formação de professores. Práticas docentes	15/09/2021

nas bases capes e ibict entre 2000 e 2020			
24-Inserção de conteúdos de educação sexual nos cursos de pedagogia das instituições públicas do estado de São Paulo.	Isabela Cristina Manchini	Educação sexual, formação docente, ensino superior, pedagogia	21/02/2022

Após o levantamento inicial dos vinte e quatro trabalhos de acordo com o critério selecionado, no período já mencionado, foi feita uma análise e selecionamos os trabalhos que referendaram questões diretamente ligadas à educação sexual e formação de professores. Essa seleção foi feita através das palavras-chaves, Educação Sexual e Formação de professores, onde foi possível identificar os pontos principais de cada pesquisa. Das vinte e quatro pesquisas foram selecionadas para uma análise dez que abordam especificamente o professor e sua formação inicial e/ou continuada envolvendo educação sexual.

9 PRODUÇÕES E ANÁLISE DOS TRABALHOS ACADÊMICOS

Nesta seção vamos analisar os trabalhos selecionados diante do objetivo da pesquisa, trazendo o título da pesquisa, seus objetivos, metodologias, e por fim os resultados encontrados.

No quadro abaixo apresentaremos as pesquisas selecionadas para análise.

Quadro 2

Pesquisas selecionadas para análise

Título	Autor	Palavras-chave	Defesa
1-O jogo pedagógico como instrumento para educação sexual de facilitadores e estudantes jovens: análise do material “em seu lugar”	Anne Kariny Iemos rocha	Sexualidade, educação sexual, jogo, material didático, adolescência, Formação de professores.	14/08/2 015
2-Cursos de formação continuada em educação sexual que empregam as tecnologias digitais	Gabriella Rossetti Ferreira	Sexualidade. Educação sexual. Formação. Tecnologia digital. Educação a Distância.	29/09/2 015
3-Análise da formação e da prática em educação sexual de professores/as de ciências e	Izelma de Souza Costa	Educação sexual. Formação de professor/a. Ciências e biologia.	15/07/2 016

biologia de escolas estaduais de Macapá/AP			
4-Sexualidade humana e educação sexual: elaboração e análise de formação continuada para professores/as do ensino fundamental	Lorena Christina de Anchieta Garcia Pola	Educação sexual, formação de professores, projeto político pedagógico.	22/02/2018
5-Sexualidade, educação sexual e gênero: uma análise destas temáticas nas produções de um programa de pós-graduação em educação sexual	Paula Camila Argenti	Educação sexual. Sexualidade. Gênero. Formação docente.	28/02/2018
6-Infância, gênero e educação infantil: percepções e ações na formação continuada dos educadores	Vanessa Cristina Sossai Camilo	Educação sexual; formação docente; sexualidade; educação infantil; gênero	25/09/2019
7-Infância, gênero e educação infantil: percepções e ações na e para a formação inicial do pedagogo	Ariane Crociari	Educação infantil, educação sexual, formação inicial, gênero, infância.	24/01/2020
8-Desvelando a sexualidade na educação: repensando	Aline Patrícia de Souza	Formação continuada;	18/02/2021

estratégias para formação de educadores em educação sexual		educação sexual; educação.	
9-Educação sexual e formação de professores: uma revisão bibliográfica sistemática nas bases capes e ibict entre 2000 e 2020	Ana Regina Branco de Miranda	Educação sexual. Formação de professores. Práticas docentes	15/09/2021
10-Inserção de conteúdos de educação sexual nos cursos de pedagogia das instituições públicas do estado de São Paulo	Isabela Cristina Manchini	Educação sexual, formação docente, ensino superior, pedagogia	21/02/2022

O trabalho “O jogo pedagógico como instrumento para educação sexual de facilitadores e estudantes jovens: análise do material “em seu lugar”, nos leva a uma reflexão sobre a ausência de materiais didáticos que possibilitem o trabalho formal envolvendo a educação sexual nas escolas, sendo o material “em seu lugar”, objeto de análise nesse trabalho, apresentado como uma ferramenta capaz de integrar um projeto de educação sexual. Por trazer histórias que ocorrem na realidade, é possível que o jovem identifique-se com as dificuldades semelhantes à dos personagens nas mais diferentes histórias, oportunizando um exercício de empatia e solidariedade. A pesquisa qualitativa descritiva fez a descrição e análise do jogo mencionado com foco em suas narrativas, trazendo importantes discussões sobre como esse jogo pode agregar informação ao mesmo tempo em que traz aspectos que precisam ser adequados para que atendam uma perspectiva de educação sexual que possa contribuir com a formação dos educadores, oferecendo importantes subsídios para que as histórias possam ser objeto de reflexão em sala de aula.

Utilizar jogos como recurso pedagógico pode ser uma alternativa para o trabalho com educação sexual nas escolas e se alinhado à realidade de docentes e educandos, pode trazer importantes contribuições no sentido de informar, debater e refletir sobre os diversos temas envolvendo a sexualidade. Por tratar-se de uma ferramenta lúdica, o jogo pode ser um

facilitador na abordagem por parte do docente, que tendo clareza sobre seus objetivos, pode promover atividades mais dinâmicas que despertem o interesse do educando. Importante ressaltar ainda, que toda estratégia pedagógica necessita de estudo e planejamento, sendo importante pensar em formas de avaliação e devolutivas que indiquem a relevância da atividade proposta, possibilitando que as estratégias sejam avaliadas e adequadas se necessário.

Para Frison,2000, ainda que exista uma consciência sobre a importância do lúdico no processo de aprendizagem, sabe-se que as concepções pedagógicas ainda precisam avançar, tendo em vista, grande parte dos professores ainda utilizarem métodos de ensino tradicionais, que privilegiam as aulas expositivas com pouco ou sem espaço para o debate e para a crítica.

A pesquisa Cursos de formação continuada em educação sexual que empregam as tecnologias digitais, apresenta a Educação a distância aliada às tecnologias digitais como uma possibilidade para sanar as lacunas presentes na formação de professores no que se refere a temas como sexualidade e educação sexual. Em contrapartida, aponta que esses cursos necessitam de acompanhamento que possibilitem que não sejam cursos pontuais e sim, oportunidades que ofereçam subsídios para o trabalho com educação sexual em sala de aula e que ainda que sejam uma possibilidade de formação continuada, não excluam a necessidade de formação sobre esse tema na graduação. Por meio da análise das entrevistas realizadas com os responsáveis pelos cursos, foi possível identificar que todos compartilham a ideia de que as tecnologias podem auxiliar os professores a conquistarem uma formação inicial ou continuada sobre sexualidade e educação sexual, reforçando a disseminação dos cursos como importante ferramenta na formação dos professores, valorizando a sexualidade como parte importante do ser humano e sendo assim, deve fazer parte de sua formação, seja inicial ou continuada.

Em Análise da formação e da prática em educação sexual de professores/as de ciências e biologia de escolas estaduais de Macapá/AP, por meio de pesquisa qualitativa fazendo uso de questionários semiestruturados, buscou-se uma investigação sobre a formação e prática em educação social com professores de ciências e biologia que atuam em escolas estaduais do Macapá. O trabalho aponta, em seus resultados, a ausência de formação inicial sobre temáticas envolvendo sexualidade em educação sexual na maioria dos professores entrevistados. Chama a atenção ainda, que nos casos de professores que sinalizam ter recebido alguma formação/orientação/instrução sobre essas temáticas, elas apresentavam um foco exclusivamente biológico. Dessa forma, a pesquisa coloca como essencial o investimento na formação de professores de ciências e biologia que já atuam na rede, como forma de evitar que a falta de conhecimentos básicos sobre sexualidade continue refletindo na reprodução de

conteúdos que estão dissociados da realidade dos estudantes, ampliando as possibilidades de trabalho dos educadores na cidade e no estado, panos de fundo dessa pesquisa. Outro aspecto importante apontado neste trabalho é a questão de culturalmente, atrelarmos assuntos relacionados a sexualidade exclusivamente aos professores de ciências e biologia, sendo necessário, avançar na compreensão, que todos os educadores se deparam com demandas envolvendo essas temáticas no espaço escolar, sendo imprescindível, que todos possam problematizar essas questões para além do biológico.

Na pesquisa intitulada Sexualidade humana e educação sexual: elaboração e análise de formação continuada para professores/as do ensino fundamental, podemos identificar pontos relevantes por meio de um estudo descritivo denominado estudo de caso e a aplicação de questionários semiestruturados com o objetivo de elaborar e descrever uma proposta de formação de professores de ensino fundamental I com foco em educação sexual. Importante ressaltar, que a proposta de formação apresentada na pesquisa vai ao encontro da inserção do tema educação sexual no Projeto Político Pedagógico da unidade escolar, fato esse, que segundo a autora, teria favorecido a pesquisa, sendo que o mesmo não ocorreu com relação à aplicabilidade das ações pedagógicas sobre o tema, sendo essas, se limitando somente às intervenções elaboradas por ela. Evidenciou-se ainda, que mesmo a unidade escolar apoiando a pesquisa e interesse por parte dos professores, o tema não foi uma prioridade para pais e estudantes, sendo possível identificar que os professores, por falta de autonomia e segurança, preferem delegar o tema para ser tratado por outros profissionais como médicos, assistentes sociais, pesquisadores da área, entre outros. Sendo assim, a pesquisa coloca que além da inserção do tema no Projeto Político Pedagógico da escola é preciso que aconteça uma formação específica para gestores e professores, possibilitando que o trabalho envolvendo a educação sexual aconteça de maneira efetiva, para além da inserção no documento. A pesquisa aponta ainda, que existe escassez nas informações dos profissionais sobre sexualidade e tabus que dificultam o trabalho envolvendo a sexualidade no cotidiano escolar.

Sexualidade, educação sexual e gênero: uma análise destas temáticas nas produções de um programa de pós-graduação em educação sexual, traz tem como objetivo verificar, por meio de pesquisa bibliográfica como a Sexualidade, a Educação Sexual e a relação de gênero são apresentadas nas produções científicas da Pós-Graduação em Educação Sexual na UNESP de Araraquara, considerando a relevância desse programa e suas contribuições voltadas ao tema educação sexual. Os resultados apresentados demonstram que é necessário que as pesquisas precisem seguir se debruçando nas investigações sobre a formação de professores como uma

ferramenta para legitimar a importância da educação sexual no espaço escolar, buscando superar as dificuldades envolvidas nesse processo. A pesquisa traz ainda, o mapeamento realizado durante seu desenvolvimento, como um panorama que pode subsidiar e possibilitar propostas e intervenções envolvendo educação sexual na escola, colocando a formação de professores como de extrema relevância para a realização de um trabalho de qualidade.

A pesquisa *Infância, gênero e educação infantil: percepções e ações na formação continuada dos educadores* tem como objetivo central, investigar e intervir na percepção de educadores que atuam na Educação Infantil sobre educação sexual por meio da pesquisa-ação, organizando propostas de formação continuada com as temáticas: infância, sexualidade e gênero. Observou-se que além das lacunas na formação inicial e continuada dos professores envolvidos na pesquisa, que existem poucos estudos voltados para a questão de gênero e formação do educador que atua na educação infantil, sendo urgente e necessário uma reestruturação das formações que contemplem a educação infantil. O trabalho traz ainda, a importância da socialização de pesquisas acadêmicas como forma de ampliar a visibilidade dos assuntos relacionados a temática educação sexual, possibilitando aos educadores ressignificar possibilidade de trabalho desde a educação infantil.

Em *Infância, gênero e educação infantil: percepções e ações na e para a formação inicial do pedagogo*, temos a possibilidade de refletir sobre a importância de compreender a formação inicial do pedagogo, sendo que a pesquisa ação-estudo, com abordagem quantitativa e qualitativa, evidencia a lacuna existente no que se refere ao trabalho envolvendo educação sexual e gênero na escola, principalmente na educação infantil. O trabalho aponta a necessidade de investimento na formação de futuros profissionais para atuar na educação infantil, contribuindo para que comportamentos sexistas não sigam sendo reproduzidos no ambiente escolar, dificultando a ampliação da visão dos educadores sobre uma educação sexual emancipatória capaz de promover mudanças e combater preconceitos.

O trabalho *desvelando a sexualidade na educação: repensando estratégias para formação de educadores em educação sexual*, aponta a dificuldade dos professores em trabalhar a educação sexual nas escolas, elencando fatores como falta de formação, escassez de materiais didático-pedagógico sobre o tema bem como o tabu que ainda permeia o desenvolvimento dessa temática nas escolas. De caráter qualitativo, a pesquisa identifica por meio das falas dos professores um distanciamento do tema, receio de críticas vindas das famílias ao trabalhar questões envolvendo sexualidade em sala de aula os próprios valores que fizeram parte de sua formação, o que torna ainda mais desafiadora a atuação como educador sexual. As reflexões

sobre as oficinas aplicadas ao longo da pesquisa também trazem valiosas reflexões sobre a mudança de comportamento das professoras, que passaram gradativamente a mostrar mais abertura sobre o tema, participar mais abertamente e fazer perguntas. Evidenciou-se também a necessidade de investimentos na formação continuada dos professores para que possam atuar de maneira efetiva em Educação Sexual. O mesmo deve ocorrer com profissionais de outras áreas como enfermeiros, psicólogos, médicos tendo em vista o entrelaçamento das diversas áreas com a educação.

Educação sexual e formação de professores: uma revisão bibliográfica sistemática nas bases CAPES e IBICT entre 2000 e 2020, trouxe como objetivo identificar e analisar produções acadêmicas referentes às práticas na formação de professores/as em Educação Sexual por meio uma revisão bibliográfica sistemática no Portal de Periódicos Capes e IBICT entre 2000 e 2020. Para esse estudo, foram selecionados 6 artigos e 20 teses e dissertações, tendo como critérios: pesquisas que tratem da formação de professores/as em Educação Sexual, que descrevem práticas utilizadas para essa formação e que trazem abordagens metodológicas na formação de professores/as em Educação Sexual. Os resultados do estudo, apontam uma diversidade de recursos metodológicos para as formações dos profissionais como: audiovisuais, oficinas, autoconhecimento, auto expressão e métodos tradicionais. A formação de professores é colocada como fundamental para que as demandas envolvendo essa temática na escola sejam abordadas e trabalhadas com foco em possibilitar que os estudantes vivenciam sua sexualidade com responsabilidade, respeito e prazer em uma perspectiva que parte de uma educação sexual de fato emancipatória.

O trabalho Inserção de conteúdos de educação sexual nos cursos de pedagogia das instituições públicas do estado de São Paulo realizou um mapeamento e analisou o currículo dos cursos de graduação em Pedagogia das instituições públicas de ensino superior, do Estado de São Paulo, sendo elas: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho [UNESP], nos campi: Araraquara, Bauru, Marília, Presidente Prudente, Rio Claro e São José do Rio Preto; Universidade de São Paulo [USP] nos campi: São Paulo e Ribeirão Preto; Universidade Federal de São Paulo [UNIFESP] com o campus de Guarulhos; Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), com os campi São Carlos e Sorocaba; Universidade Estadual de Campinas [UNICAMP] no campus de Campinas; Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ibitinga [FAIBI] no campus de Ibitinga; Universidade Virtual do Estado de São Paulo [UNIVESP]; e, por fim, o Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel [IMESSM] no campus de São Manuel, com o objetivo de identificar a oferta de disciplinas sobre Educação Sexual. Os

resultados apontam uma baixa oferta de disciplinas que tenham como foco uma educação sexual emancipatória por parte das universidades analisadas nesse estudo, sendo necessária a inserção da temática nos currículos de forma que os professores tenham acesso a formações que os preparem para uma atuação crítica e responsável diante das demandas escolares que envolvem a sexualidade dos estudantes. A pesquisa chama a atenção com os referenciais teóricos utilizados para compor as disciplinas que tratam sobre sexualidade, evidenciando a necessidade que os currículos sejam pensados como uma construção social, capaz de abordar o tema partindo de uma perspectiva que envolve a formação crítica-reflexiva, que tenha como objetivo preparar o profissional para transformar as realidades em que atual.

Após a análise individual do conteúdo das dez dissertações do Programa de Pós Graduação em Educação Sexual nos debruçamos na investigação sobre o que as pesquisas apontam como impasses no sentido de identificar desafios enfrentados na formação e professores em educação sexual e as possibilidades, pensando nos aspectos positivos nas ações de formação, que de alguma forma facilitam e permitem reflexões significativas sobre a educação sexual.

Quadro 3

Mapeamento dos impasses e das possibilidades nas Pesquisas selecionadas para análise.

Título	Tema Principal	Impasses	Possibilidades
1-O jogo pedagógico como instrumento para educação sexual de facilitadores e estudantes jovens: análise do material “em seu lugar”	Descrição e análise do jogo chamado “Em seu lugar – Um jogo para profissionais que trabalham com adolescentes e jovens” foi distribuído em 2013	-Aplicação do jogo exige cautela uma vez que predominam aspectos negativos da sexualidade, enfatizando o caráter	-Caráter informativo do jogo; -Possibilidade de adequação do material didático, -As narrativas contidas no jogo podem ser

	<p>pelo governo estadual nas escolas públicas de São Paulo e tem a educação sexual como preocupação central.</p>	<p>biomédico, sexista e heteronormativo</p>	<p>refletidas e problematizadas criticamente pelo mediador;</p>
<p>2-Cursos de formação continuada em educação sexual que empregam as tecnologias digitais</p>	<p>Analisar a estrutura e os conteúdos desenvolvidos em cursos a distância, com momentos presenciais de formação de professores em sexualidade e Educação Sexual;</p>	<p>-Falta de continuidade e acompanhamento dos professores, tornando difícil uma avaliação a longo prazo que mostre se a forma, assim como o conteúdo aplicados foram realmente efetivos no que se propuseram</p>	<p>-As formações analisadas têm contribuído para disseminar os conteúdos da educação sexual nos diferentes estados brasileiros; -Todos os cursos analisados se atentaram em entrelaçar os temas com a escola, o currículo e o PCN, o que facilita o trabalho em sala de aula e se aproxima da prática</p>

			<p>-Todos os cursos analisados foram pensados a partir da ótica de que as Tecnologias Digitais quando usadas a favor da educação, podem ajudar os professores a terem formação no que se refere à educação sexual</p>
<p>3-Análise da formação e da prática em educação sexual de professores/as de ciências e biologia de escolas estaduais de Macapá/AP</p>	<p>Conhecer a formação e a prática em educação sexual e sexualidade dos/as professores/as de Ciências e Biologia de algumas escolas estaduais de Macapá</p>	<p>- Maioria dos/as professores/as não receberam nenhum tipo de formação acerca desta temática durante a formação inicial.</p> <p>-Os professores que</p>	<p>Discurso sobre a proximidade entre a sexualidade e os docentes de Ciências e Biologia podem favorecer que iniciem e liderem as discussões sobre o tema na escola, uma vez que a carência</p>

		<p>afirmaram ter obtido alguma instrução acerca da educação sexual, constatou-se que esta foi de natureza estritamente biológica com enfoque nos caracteres anatômicos, fisiológicos e embriológicos.</p> <p>-Não existe na rede estadual do Amapá, na prática, nenhum programa ou curso de formação continuada para</p>	<p>de profissionais e estudos é imensa.</p>
--	--	--	---

		profissionais interessados em trabalhar com o tema;	
4-Sexualidade humana e educação sexual: elaboração e análise de formação continuada para professores/as do ensino fundamental	Elaborar, desenvolver e descrever uma proposta de formação de professores em Educação Sexual, em consequência da inserção desse tema no Projeto Político-Pedagógico em uma Unidade Escolar	-Necessidade de uma formação mais prolongada e constante -Professoras não tiveram acesso e oportunidade de entrar em contato com tais conteúdos específicos, ainda durante o período de escolarização, tanto no ensino fundamental quanto no médio, bem como em suas respectivas	-A participação das professoras nos encontros de formação propostos aumentou o nível de interesse sobre a Educação Sexual na escola - Professoras relataram estarem mais preparadas e confiantes para assumirem ações pedagógicas em temas da sexualidade com seus/suas alunos/as após os encontros de formação.

		<p>graduações e possíveis cursos de pós graduação</p> <p>- A religião, principalmente a cristã em suas diferentes vertentes, pode ter contribuído ainda mais para o distanciamento do tema dos bancos escolares frequentados pelas professoras pesquisadas, evitando que ocorressem aproximação e inserção no Projeto Político-Pedagógico das Unidades Escolares.</p>	
--	--	---	--

<p>5-Sexualidade, educação sexual e gênero: uma análise destas temáticas nas produções de um programa de pós-graduação em educação sexual</p>	<p>Verificar como a Sexualidade, Educação Sexual e a relação de gênero são apresentadas nas produções científicas da Pós-Graduação em Educação Sexual na UNESP de Araraquara</p>	<p>- Lacunas presentes na formação docente inicial e continuada</p> <p>-Poucos os estudos que apresentam, para além do mapeamento de concepções de educadores, algumas possibilidades de estratégias e ações de intervenção no universo investigado</p> <p>-Ausência de propostas consistentes de formação continuada</p>	<p>-Três estudos analisados desenvolveram o mapeamento da temática no universo escolar e fomentaram ações de intervenção por meio da elaboração de materiais pedagógicos (jogos, livros, brinquedos, atividades lúdicas) e de estratégias de ensino.</p>
---	--	---	--

		-Despreparo dos educadores no enfrentamento das situações e nas demandas da temática no cotidiano escolar vinculadas à Educação Sexual	
6-Infância, gênero e educação infantil: percepções e ações na formação continuada dos educadores	Investigar e intervir nas percepções dos educadores da Educação Infantil sobre educação sexual;	- Apontamentos sobre a ausência de estudos a respeito da formação docente -Poucos estudos na temática gênero e formação do educador na Educação Infantil - Dificuldades	-Grande satisfação em relação ao aprendizado oferecido durante a formação proposta - Momentos de troca de conhecimentos durante a formação; -Criação de estratégias de intervenção, - Espaço de escuta na formação de

		enfrentadas no dia a dia pelos profissionais através dos comportamentos pessoais e culturais	educadores, sendo um vínculo para a transformação da educação.
7-Infância, gênero e educação infantil: percepções e ações na e para a formação inicial do pedagogo	Compreender a formação inicial do pedagogo acerca da percepção dos conceitos de gênero no âmbito da Educação Infantil, assim como contribuir para sua melhor prática docente por meio de uma proposta interventiva	-Defasagem no conhecimento da temática - Distanciamento dos pedagogos com o tema em questão -Meninas condicionadas a brincadeiras maternas, Miniaturas de utensílios domésticos	-Reflexões críticas do professor em formação sobre a Infância e Gênero, além de suas relações no âmbito educacional. - A proposta abrangendo a formação e sua instrumentalização/materialidade apresentou-se como o foco da pesquisa,

		-Meninos que observam sua figura atrelada à força física, coragem e insensibilidade	refletindo em avanços adquiridos com o término da intervenção proposta;
8-Desvelando a sexualidade na educação: repensando estratégias para formação de educadores em educação sexual	Entender como educadores compreendem as necessidades e dificuldades no processo ensino-aprendizagem quando se envolve sexualidade, visando desenvolver estratégias para a formação continuada de educadores quanto à Educação Sexual.	-Profissionais não se sentem preparados para desenvolver a Educação Sexual -Falta de formação específica e a - Escassez de material existente para apoio de atividades em Educação Sexual -Juízo pessoal a respeito da sexualidade.	-Evolução no interesse e na apropriação do assunto por parte das professoras participantes da pesquisa; -As professoras participantes começaram a se abrir mais, contando suas experiências ou fazendo mais perguntas nos momentos de troca e de

		<p>-Falha na comunicação entre alunos e professores assim como entre pais e filhos, resultante do embaraço dos adultos em falar do que entendem ser íntimo, uma vez que, no senso comum, sexo, sexualidade e ato sexual se confundem.</p>	<p>reflexão sobre atividades e ações pedagógicas,</p> <p>-Mudanças na atuação dessas professoras.</p>
<p>9-Educação sexual e formação de professores: uma revisão bibliográfica sistemática nas bases capes e ibict entre 2000 e 2020</p>	<p>Identificar e analisar as produções acadêmicas sobre as práticas na formação de professores/as em Educação Sexual a partir de uma revisão bibliográfica</p>	<p>-Lacunas na formação de professores em Educação Sexual</p> <p>-Pouco tempo destinado aos professores para a formação</p>	<p>A Educação a Distância (EAD) se tornou uma possibilidade de formação ou educação continuada no Brasil,</p>

	<p>sistemática no Portal de Periódicos Capes e IBICT entre 2000 e 2020</p>	<p>-Carência formativa dos docentes, Concepções da sexualidade ligadas à ideia de pecado e proibido, pouca adesão e interesse dos participantes</p>	<p>especialmente quando se trata de temas pouco abordados nos cursos de graduação</p> <p>São utilizados diversos recursos para atingir esses objetivos das formações: filmes, oficinas, dinâmicas de grupo, aulas, supervisões, diário de bordo, textos reflexivos e oficinas.</p> <p>Todos os recursos utilizados nas formações colaboram para construir novas reflexões e atitudes</p>
--	--	---	--

			<p>sobre sexualidade nos educadores.</p> <p>reflexão, sensibilização, receptividade dos educadores quanto à temática, assim como reconstrução de conteúdos e um novo olhar para a sexualidade.</p> <p>-Reflexão, sensibilização, conscientização sobre o tema sexualidade por parte dos participantes; desenvolvimento pessoal e profissional; construção da identidade profissional; -</p>
--	--	--	---

			Professores mais preparados e confiantes após as formações podendo rever suas ações e conceitos; mudanças de perspectivas e posicionamento ético e político por parte dos participantes;
10-Inserção de conteúdos de educação sexual nos cursos de pedagogia das instituições públicas do estado de São Paulo	Mapear e analisar o currículo dos cursos de graduação em Pedagogia das instituições públicas de ensino superior, do Estado de São Paulo,	-Baixa oferta de disciplinas que relacionassem a Educação Sexual pelo viés emancipatório - Poucas as universidades que oferecem,	

		mesmo que de cunho optativo ou eletivo, disciplinas que envolvam a Educação Sexual	
--	--	---	--

Os dados apresentados no quadro acima ilustram a potencialidade dos estudos no desenvolvimento de investigações que abordam a amplitude das temáticas relacionadas à sexualidade e a educação sexual no contexto da formação de professores.

Como impasses, podemos destacar materiais desenvolvidos para o trabalho em educação sexual que enfatizam aspectos sexistas e heteronormativos, como descrito na pesquisa: O jogo pedagógico como instrumento para educação sexual de facilitadores e estudantes jovens: análise do material “em seu lugar”. Embora o material exista e seja disponibilizado, sem a devida formação, corre-se o risco que professores acabam por reforçar estereótipos e conceitos que em nada contribuem para uma educação sexual emancipatória. Nesse cenário, a formação de professores é essencial, a fim de possibilitar a problematização desse jogo com foco na aprendizagem significativa. Como elucida Figueiró (2009a) a Educação Sexual na escola deve ser um processo de intervenção pedagógica, que não deve estar voltado para formação de valores ou de normalização de identidade sexual e de gênero e nem tão pouco ser direcionado ao entendimento biológico, religioso ou subjetivo. Ao contrário, a educação sexual exige uma ação coletiva das representações sociais e a compreensão sobre a sexualidade e os papéis sociais existentes nela.

Desvelando a sexualidade na educação: repensando estratégias para formação de educadores em educação sexual, também aponta a escassez de materiais que apoiem o professor no desenvolvimento de atividades voltadas para educação sexual na escola. Importante reforçar, que ausência de formação para uso de materiais disponíveis podem ir na contramão dos objetivos de uma educação sexual que seja de fato emancipatória.

Cursos de formação continuada que não fazem um acompanhamento dos professores por meio de avaliações que possam sinalizar a utilização dos saberes de forma efetiva, se

caracteriza como outro impasse, como apresenta o trabalho: **Cursos de formação continuada em educação sexual que empregam as tecnologias digitais**, aspecto que sinaliza que ainda que a formação continuada mediada por tecnologia seja uma possibilidade, é preciso que algumas estratégias após o curso sejam repensadas para que os objetivos sejam de fato alcançados. É necessário compreender que a formação continuada no Brasil, por vezes, é tida como solução, tendo em vista, a precariedade da formação inicial (graduação), levando professores a buscarem por conhecimentos que o ajudem nas respostas às demandas do cotidiano escolar.

Leão (2009) esclarece que a formação do professor em educação traz benefícios diretos aos alunos e indiretamente, à comunidade escolar. Nas palavras da autora:

[...] é preciso que os/as professores/as estejam preparados, pois são eles os educadores no contexto escolar que estão em contato direto com os/as alunos/as, presenciando suas dúvidas, inquietações e curiosidades. Assim sendo, a pertinência de se articular a discussão sobre a formação desses profissionais é devido ao importante papel que lhes cabe de formação e informação dos educandos. Além disso, é uma forma de garantir a possibilidade da escola intervir com a temática da sexualidade em seu âmbito. (p. 91).

A formação inicial dos professores também é apontada como um impasse na efetivação de práticas voltadas para educação sexual nas escolas, tendo em vista, que grande parte dos professores não acessam essa temática nos cursos de graduação. Os que relatam ter tido acesso a temática, relatam que o foco se limitava a aspectos biologizantes, anatômicos e fisiológicos, como destacam as pesquisas: Análise da formação e da prática em educação sexual de professores/as de ciências e biologia de escolas estaduais de Macapá/AP, Sexualidade humana e educação sexual: elaboração e análise de formação continuada para professores/as do ensino fundamental, Sexualidade, educação sexual e gênero: uma análise destas temáticas nas produções de um programa de pós-graduação em educação sexual e Educação sexual e formação de professores: uma revisão bibliográfica sistemática nas bases capes e ibict entre 2000 e 2020.

Figueiró (2014) sinaliza que: A sexualidade é uma dimensão humana que vai além de sua determinação biológica, pois é também culturalmente determinada. As informações sobre ela precisam envolver reflexão tanto individual quanto coletiva, pois é esse exercício que possibilitará que o professor se reconheça como sujeito de sua sexualidade, capaz de construir

relações mais saudáveis e positivas, sendo capaz ainda de identificar possibilidades de interferir positivamente no curso de sua vida e da coletividade. (p. 19)

A religião integra a lista dos impasses, uma vez que pode colocar a sexualidade como tabu, dificultando sua naturalização como sendo parte de todo ser humano. Professoras que participaram de uma proposta de formação continuada para pesquisa Sexualidade humana e educação sexual: elaboração e análise de formação continuada para professores/as do ensino fundamental fizeram esse apontamento. O trabalho Educação sexual e formação de professores: uma revisão bibliográfica sistemática nas bases capes e ibict entre 2000 e 2020, também traz a religião em um contexto de impasse, que muitas vezes, por apresentarem concepções da sexualidade ligadas à ideia de pecado e proibido impactam na pouca adesão e interesse dos participantes em cursos de formação continuada com a temática educação sexual.

O trabalho Sexualidade, educação sexual e gênero: uma análise destas temáticas nas produções de um programa de pós-graduação em educação sexual, chama a atenção para a escassez de estudos na área da educação sexual que além de mapear concepções, investigam estratégias que podem ser aplicadas com foco no trabalho com educação sexual nas escolas. Atrelada a ausência de materiais já citados anteriormente, não investigar estratégias de ensino e a viabilidade de sua aplicação, sem dúvida é um impasse que precisa ser superado.

A dificuldade de lidar com as situações envolvendo a diversidade no espaço escolar aparece no trabalho: Infância, gênero e educação infantil: percepções e ações na formação continuada dos educadores, levando em conta, as diferentes percepções que professores têm sobre temas envolvendo a sexualidade, podendo essas, se caracterizarem como impasses na busca por uma educação sexual livre de preconceitos e estereótipos. Sabemos o quando as escolas ainda dispõem de espaços que reforçam o sexismo e reforçam comportamentos tidos como aceitáveis para meninos e meninas. Professores que não recebem informação e formação alinhadas a uma educação sexual emancipatória, pouco podem contribuir para a transformação desses espaços.

Sabe-se que “[...] a escola se tornou palco onde a sexualidade se manifesta com todo o seu vigor, mas encontra a indiferença, a negação e o preconceito quando foge da norma culturalmente estabelecida.” (COSTA et al., 2009, p.4).

O estudo Infância, gênero e educação infantil: percepções e ações na e para a formação inicial do pedagogo, também traz apontamentos para os estereótipos envolvendo as brincadeiras na Educação Infantil, geralmente divididas entre meninos e meninas. Considerando o professor, mediador das interações com foco na aprendizagem, é de extrema

relevância, que ele seja capaz de refletir sobre seu papel, no sentido de possibilitar acesso às mais diversas possibilidades de brincadeiras.

Falta de apoio das famílias é um impasse que aparece no trabalho Desvelando a sexualidade na educação: repensando estratégias para formação de educadores em educação sexual

Baixa oferta de disciplinas que relacionassem a Educação Sexual pelo viés emancipatório e poucas as universidades que oferecem, mesmo que de cunho optativo ou eletivo, disciplinas que envolvam a Educação Sexual, são impasses trazidos pela pesquisa Inserção de conteúdos de educação sexual nos cursos de pedagogia das instituições públicas do estado de São Paulo, corroborando com a ideia de que a formação inicial e continuada dos professores em educação sexual é uma demanda que precisa estar presente na elaboração de políticas públicas que tirem essa temática da invisibilidade durante a graduação e a coloque como importante na formação do cidadão, inserido em uma sociedade que tem como marca a diversidade.

Possibilidades de formação envolvendo a educação sexual na formação de professores também precisam ser investigadas e compartilhadas, pensando no impacto dessas ações na ampliação da educação sexual nas escolas.

Os trabalhos analisados nessa pesquisa, apresentam pontos relevantes no que se refere à formação de professores, sendo necessário aprofundamento dos estudos sobre essas ações de formação, no sentido de compreender, o quanto essas estão alinhadas à educação sexual partindo de um conceito que ultrapasse aspectos biologizantes, como bem destaca Vasconcelos (1971),:

[...] é abrir possibilidades, dar informações sobre os aspectos fisiológicos da sexualidade, mas principalmente informar sobre suas interpretações culturais, e suas possibilidades significativas, permitindo uma tomada lúcida de consciência. É dar condições para o desenvolvimento contínuo de uma sensibilidade criativa em seu relacionamento pessoal. Uma aula de educação sexual deixaria de ser apenas um aglomerado de noções estabelecidas de biologia, de psicologia e moral, que não apanha a sexualidade naquilo que lhe pode dar significado e vivência autêntica: a procura mesmo da beleza interpessoal, a criação de um erotismo significativo do amor. (p. 111).

O trabalho O jogo pedagógico como instrumento para educação sexual de facilitadores e estudantes jovens: análise do material “em seu lugar”, coloca o jogo analisado como uma possibilidade de trabalho na formação de professores e estudantes, por se tratar de um material que traz narrativas que podem ser problematizadas com foco na reflexão. Esse trabalho nos chama a atenção para a necessidade de adequação de materiais no sentido de repensar estratégias que não estejam focadas na reflexão.

Um aspecto importante trazido pela pesquisa Cursos de formação continuada em educação sexual que empregam as tecnologias digitais, ao analisar formações iniciais e continuadas, foi que todos os cursos analisados se atentaram para a questão de articular os temas com a escola, o currículo e o PCN, o que facilita o trabalho em sala de aula e se aproxima da prática. Considerar as especificidades do cotidiano escolar, bem como a articulação do currículo com o tema educação sexual, potencializa a possibilidade de trabalho na escola e de certa forma, ajuda o professor no que se refere a segurança para tratar sobre o tema e seus desdobramentos.

Os estudos analisados, para além dos impasses, trazem aspectos importantes sobre como é possível observar as possibilidades para dos estudos no campo da formação de professores em educação sexual.

Uma das vias para o trabalho em educação sexual na escola, ainda que de forma por vezes equivocada, são as aulas de ciências e biologia, por meio de conteúdos que podem contribuir para abrir espaço para compartilhamento de informações relevantes sobre o tema. Nesse sentido, o trabalho Análise da formação e da prática em educação sexual de professores/as de ciências e biologia de escolas estaduais de Macapá/AP, traz para reflexão sobre a importância de considerar a proximidade entre a sexualidade e os docentes de Ciências e Biologia como forma de favorecer que os professores dessas disciplinas, iniciem e liderem as discussões sobre o tema na escola, tendo em vista a carência de profissionais que se dispõem a abordar educação sexual na escola.

Trabalhos analisados que trazem propostas de formação continuada para professores com foco em educação sexual, como em a Sexualidade humana e educação sexual: elaboração e análise de formação continuada para professores/as do ensino fundamental, Infância, gênero e educação infantil: percepções e ações na formação continuada dos educadores e Desvelando a sexualidade na educação: repensando estratégias para formação de educadores em educação sexual apontam mudanças significativas de comportamento dos professores participantes, inclusive no que se refere ao nível de interesse sobre trabalhar educação sexual na escola.

Professoras que participaram da pesquisa conduzida neste trabalho, relataram estarem mais preparadas e confiantes para assumirem ações pedagógicas em temas da sexualidade com seus/suas alunos/as após os encontros de formação. Essas pesquisas sinalizam a satisfação dos professores em relação ao aprendizado oferecido durante as formações propostas, que favoreceram momentos de troca e criação de estratégias de intervenção.

Outro aspecto importante colocado nessas pesquisas é como ao longo das formações propostas, os professores participantes começam a desenvolver autonomia para fazer perguntas, relatar experiência e abrir-se a trocas e reflexões sobre a viabilidade de atividades pedagógicas. Nesse sentido, reforçamos como as formações, ainda que apresentem aspectos que precisam e podem ser repensados e ajustados com foco em melhoria, aproximam os professores do tema educação sexual e de alguma forma, sensibilizam para a possibilidade de trabalho na escola. O receio vai dando espaço para reflexão, na medida em que os professores têm a oportunidade de pensar sobre sua sexualidade, seus valores, crenças e fatores que interferem em suas concepções. Podemos dizer que trata-se de um processo de construir novas percepções sobre trabalhar educação sexual na escola.

O trabalho Educação sexual e formação de professores: uma revisão bibliográfica sistemática nas bases capes e ibict entre 2000 e 2020, evidencia a Educação a Distância (EAD) como uma possibilidade de formação ou educação continuada no Brasil. Como esse trabalho teve como objetivo identificar e analisar as produções acadêmicas sobre as práticas na formação de professores/as em Educação Sexual a partir de uma revisão bibliográfica sistemática no Portal de Periódicos Capes e IBICT entre 2000 e 2020, foi possível mapear os diversos recursos utilizados como estratégias de formação de professores em educação sexual, como: filmes, oficinas, dinâmicas de grupo, aulas, supervisões, diário de bordo, textos reflexivos e oficinas. Essa pesquisa sinaliza ainda que todos os recursos utilizados nas formações colaboram para construir mudanças de perspectivas e posicionamento ético e político por parte dos participantes, sendo possível observar, novas reflexões e atitudes sobre sexualidade nos educadores que participam de formações de possibilidades de trabalho na escola.

10 PRÁTICAS EXITOSAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES MAPEADAS NAS PESQUISAS ANALISADAS

Como tem sido discutido ao longo deste trabalho, formar professores para as demandas que envolvem a sexualidade é imprescindível para implantação de programas de Educação Sexual efetivos, que considerem aspectos envolvendo valores, combate ao preconceito, prevenção entre outros relevantes para o desenvolvimento de uma educação sexual emancipatória.

Partindo dessa perspectiva:

(. . .) para que a Educação Sexual ocorra de forma abrangente e construtiva, é preciso olhar para a formação do educador que deverá ter a importante tarefa de desconstruir e transformar valores e visão do mundo fundados em discriminação, tabus, e preconceitos misóginos, homofóbicos e autoritários de forma equivocada a percepção da sexualidade e seus contornos. (Souza et al., 2020, p. 100).

Não existe receita e nem uma única forma de implementar e desenvolver um trabalho de educação sexual efetivo nas escolas, porém, analisarmos práticas que já ocorrem nesse âmbito e materiais produzidos sobre a temática, é uma forma de fomentar um processo reflexivo que venha a impulsionar a ampliação dos trabalhos nessa área.

Para ser educador, não basta ser profissional da educação, não basta apenas utilizar-se de informações técnicas sobre o ensinar, é preciso antes de tudo, olhar para si mesmo e entender suas próprias visões, agregando as visões daqueles que nos rodeiam: Ser educador é contribuir para o amadurecimento intelectual e emocional que facilitará o processo de aprendizagem. (Souza, Milani & Ribeiro, 2020, p.100).

Como gestora de uma escola estadual de ensino médio, consigo identificar como proposto nesse estudo, além dos impasses para o trabalho envolvendo a educação sexual, um cenário que favorece possibilidades. Vejo professores com vontade, desejo, disposição, iniciativas e boas ideias voltadas para esse tema.

Como pontuei na apresentação deste trabalho onde trato brevemente sobre minha experiência profissional, estar disposto a falar sobre educação sexual na escola é um passo importante e necessário, tendo em vista, que não falar sobre o tema, não faz com que a sexualidade desapareça do ambiente escolar, ao contrário disso, não falar, pode criar uma onda de perguntas sem respostas capazes de gerar preconceito, intolerância e cenários envolvendo bullying e violência.

Segundo Guirado (1997), "... a sexualidade é como um fantasma que ronda as cercanias e os interiores da escola e da sala de aula." (p.25). Não é possível fingir que a questão não existe, uma vez que, para Sayão (1997), ela brota nos banheiros, nos corredores e no interior da escola. Sendo assim, por esse motivo é preciso que os impasses para tratar o tema na escola, sejam superados, na busca de uma visão sobre sexualidade por parte de gestores e professores que tenha como prioridade a formação humana e integral.

É papel da instituição escolar, portanto propiciar um ambiente de diálogos e discussões no âmbito da sexualidade (Ribeiro, 2004).

Dessa forma, a escola deve,

[...] envolver reflexão, tanto individual, quanto coletiva, pois é esse exercício que permitirá ao educando reconhecer-se como sujeito de sua sexualidade, capaz de construir relações mais saudáveis e positivas e capaz, ainda, de identificar possibilidades de interferir no curso de sua vida e da coletividade. (Figueiró, 2006, p.17)

Mapear e analisar os impasses e as possibilidades das pesquisas que compõe esse trabalho trazem novas perspectivas para meu trabalho enquanto gestora que podem sem dúvida, impactar positivamente minha prática junto aos professores e a comunidade da qual faço parte.

Boas ideias e iniciativas sobre projetos de educação sexual por diversas vezes não são acolhidas pelos gestores. Professores além de receio de tratar a temática lidam com a insegurança de como essas iniciativas serão recebidas pelos gestores até outros professores.

A visão do gestor sobre o tema é essencial para que ações formativas sejam acolhidas na instituição escolar. Gestores podem ser facilitadores ou obstáculos para a efetivação de projetos de educação sexual nas escolas, uma vez, que esse profissional é responsável por coordenar ações, mobilizar a equipe e envolver família e comunidade em torno de objetivos em comum.

De acordo com Penin e Vieira (2002), "... a escola sofre mudanças de acordo com os momentos históricos. Sempre que a sociedade se defronta com mudanças significativas em suas bases sociais e tecnológicas, novas atribuições são exigidas da escola." (p.13).

Diante disso, o gestor não deve concentrar seus esforços somente no gerenciamento administrativo e financeiro da instituição escolar, mas também, ampliar seu olhar para reflexão acerca das necessidades de formação de sua equipe, desenvolvendo a consciência de que suas

concepções e decisões, impactam a comunidade escolar como um todo e fazem parte de um processo político.

O gestor precisa olhar para a formação de professores, enxergar as possibilidades do trabalho, articular a equipe e acolher ideias e ações que possam ser fortalecidas com foco na formação, oportunizando que professores desenvolvam autonomia e a segurança necessária para tratar sobre educação sexual de forma sistematizada e reflexiva.

No último semestre do ano de 2023, duas professoras que atuam na instituição em que trabalho, me procuraram como uma proposta: desenvolver uma disciplina eletiva ao longo do semestre que tratasse temas relacionados à sexualidade.

Dentro do currículo do Ensino Integral as disciplinas eletivas ocupam um lugar central no que tange à diversificação das experiências escolares, oferecendo um espaço privilegiado para a experimentação, a interdisciplinaridade e o aprofundamento dos estudos. Por meio delas é possível propiciar o desenvolvimento das diferentes linguagens, plástica, verbal, matemática, gráfica e corporal, além de proporcionar a expressão e comunicação de ideias e a interpretação e a fruição de produções culturais. Desta forma, os alunos participam da construção do seu próprio currículo; da ampliação, da diversificação de conceitos, procedimentos ou temáticas de uma disciplina ou área de conhecimento que não são garantidas no espaço cotidiano disciplinar; desenvolvimento de projetos de acordo com os seus interesses relacionados aos seus Projetos de Vida e/ou da comunidade a que pertencem; o favorecimento da preparação para a futura aquisição de capacidades específicas e de gestão para o mundo do trabalho, dentre outras. As Disciplinas Eletivas, de organização semestral, são propostas e elaboradas por grupos de ao menos dois professores de disciplinas distintas. O tema é de livre escolha professoras, desde que se trate de um assunto relevante e que seja abordado de modo a aprofundar os conteúdos da Base Nacional Comum. (Integral, 2011, p.29)

Mesmo sabendo que sou aluna do mestrado em Educação Sexual, notei uma certa surpresa quando eu disse que seria uma ótima e necessária ideia. Disseram que sentiam a necessidade de além de tratar questões envolvendo a prevenção de IST'S refletir sobre questões como relacionamentos afetivos, diversidade sexual e de gênero, orientação sexual e identidade de gênero, a história da sexualidade humana, corpo e saúde e outros temas e dúvidas demandados pelos estudantes que escolhessem essa disciplina.

Assim, da iniciativa de duas professoras, partindo de uma perspectiva interdisciplinar, Biologia e Sociologia se juntaram e nasceu a disciplina eletiva :Informação e Lacreção: Educação Sexual descomplicada.

Uma experiência de educação sexual sistematizada e intencional que movimentou não só os estudantes participantes, mas a escola e a comunidade como um todo por meio de suas atividades dinâmicas e ativas, nas quais os estudantes puderam debater, pesquisar, vivenciar situações além de ampliar a consciência sobre relacionamentos afetivos, respeito com o corpo do outro e com o seu próprio corpo, e conseqüentemente desenvolver a tolerância em relação à diversidade sexual e a de gênero.

O trabalho durante o semestre ocorreu de forma tranquila, com estudantes envolvidos, famílias participando e toda escola aprendendo.

O receio inicial deu lugar à empolgação, envolvimento, aprendizagem, escuta, fala e muitas outras possibilidades trazidas pelas professoras que aliaram teoria e prática em busca de situações de aprendizagens significativas.

Figueiró (2006) afirma que ao trabalhar a formação do professor para a Educação Sexual, além de prepará-lo para a prática docente, também pode auxiliar em seu desenvolvimento pessoal, levando-o a refletir sobre seus sentimentos, suas habilidades e atitudes ao ensinar.

Fico pensando se no papel de gestora, não fosse também estudante de um mestrado em Educação Sexual, essa proposta teria saído do papel. Não sei a resposta, porém, acredito que acolher, ouvir, incentivar e apoiar uma proposta com naturalidade, sem medo e receio, é resultado da oportunidade de aprofundar meus estudos sobre o tema e principalmente da desconstrução que me propus a fazer nessa trajetória acadêmica. Nesse caso, ao invés de focar em problemas que nem existiam ainda como, resistência dos pais, outros professores, escolhi focar nas possibilidades e em toda relevância dessa disciplina para os estudantes.

Nesse contexto, o intendo desse capítulo é reunir os aspectos relevantes das pesquisas mapeadas no que se refere a práticas exitosas na formação de professores, analisando e refletindo como o processo formativo pode ressignificar o tema educação sexual na escola.

É um capítulo convite, e ao seu final, espera-se que o leitor se sinta provocado a buscar aprofundar seus estudos, buscar formação continuada sobre educação sexual, buscar em sua comunidade a possibilidade de formar grupos de estudo e formação com esse foco e mais: rascunhe uma ideia de como pode trabalhar essa temática em sua realidade escolar. É um convite a olhar para as possibilidades. Vamos?

No mapeamento de boas práticas, optou-se por analisar trabalhos que trazem propostas de formação de professores que foram aplicadas e tiveram seus resultados analisados, como forma de enfatizar que é possível alcançar bons resultados.

Sabemos que tratar sobre educação sexual na escola é por si um tabu, porém, quando falamos sobre tratar o tema na educação infantil, encontramos ainda mais resistência.

Dessa forma, mapear práticas de formação de professores na educação infantil é indispensável nesse trabalho de busca por possibilidades, como forma de ampliar a criação de projetos de educação sexual desde a educação infantil.

A seguir, segue uma análise detalhada de quatro dos trabalhos mapeados nessa pesquisa, sendo nesse momento levantados os seguintes dados: a proposta de formação, atividade e/ou método utilizado, recursos utilizados e o público-alvo.

Quadro 4: *Mapeamento das estratégias utilizadas nas formações apontadas nos trabalhos, práticas exitosas e resultados que podem ser compartilhadas com foco na disseminação da formação de professores em educação sexual.*

Título	Proposta de formação para professores	Atividade/ Método	Recursos utilizados	Público-alvo
Sexualidade humana e educação sexual: elaboração e análise de formação continuada para professores/as do ensino fundamental	Encontros formativos com os seguintes conteúdos: - Conceitos Gerais de Sexo e Sexualidade. - Legislação vigente: Currículo Escolar, Plano Municipal de Educação e Educação Sexual nas Escolas Municipais de Bauru.	Aplicação de questionário - Exposição dos objetivos - Slides expositivos - Vídeos envolvendo o tema.	Livros, Cartilhas, figuras textos, livros paradidáticos, que abordam vários temas como: nascimento	25 Professoras Ensino Fundamental I

	<p>- Materiais empregados para se estudar a Sexualidade Humana</p> <p>- Violência sexual infantil.</p>		<p>e</p> <p>gestação;</p> <p>prevenção de violência sexual e a descoberta da sexualidade.</p> <p>- salas de aula.</p>	
<p>Infância gênero e educação infantil: percepções e ações na formação continuada dos educadores</p>	<p>Projeto de intervenção: Pequenos Passos, um olhar diferenciado para o educador</p>	<p>Aplicação questionário impresso para levantamento de demandas para formação Orientações sobre o Projeto Exposição e discussão dos conceitos científicos</p>	<p>- Vídeos</p> <p>- Músicas</p> <p>-Materiais pedagógicos confeccionados pela pesquisadora: Luva pedagógica e História na lata</p>	<p>Professores de Educação Infantil</p>

<p>Infância, gênero e educação infantil: percepções e ações na e para a formação inicial do pedagogo</p>	<p>Projeto Aquarela: Colorindo a educação</p>	<p>- Aplicação de questionário para levantamento de demandas para formação</p> <p>- Exposição discussão dos temas</p> <p>- Aplicação de quatro atividades pedagógicas, sendo duas delas com o acréscimo do material didático elaborado pela pesquisadora</p>	<p>- Vídeos</p> <p>- Material pedagógico</p> <p>- Dinâmicas para interação em grupo</p>	<p>-Duas turmas de 50 alunos cada, distribuídas no período diurno e noturno do curso de Pedagogia de uma Universidade Estadual Pública</p>
--	---	--	---	--

<p>Desvelando a sexualidade na educação: repensando estratégias para formação de educadores em educação sexual</p>	<p>Oficinas realizadas à luz de estudos da Educação Sexual com os seguintes temas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Definição de sexualidade; - História da sexualidade; - Diferença entre sexo, Identidade de gênero e Orientação sexual; - A sexualidade no desenvolvimento do ser humano (Contribuições de Freud e da Neurociência); - Por que Educação Sexual? - O papel do educador em Educação Sexual; - Trabalhando a Sexualidade nas instituições: livros, mídias e dinâmicas como estratégias de Educação Sexual; - Estudo e análise de casos 	<p>Aplicação de questionários para levantamento de demandas para as oficinas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Partilha de informações - Análise de alguns casos por meio de dinâmica 	<p>- Texto impresso com as principais ideias sobre o tema de estudo do dia com as referências bibliográficas</p> <p>Dinâmicas, confecção de cartazes, roda de conversas, uso de vídeos, reportagens e livros</p>	<p>10 professoras com idade entre 24 a 34 anos, atuantes no Ensino Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental (do 1º ano ao 3º ano) das redes particular e pública do ensino, atuantes na cidade de Araraquara.</p>
--	--	--	--	---

O trabalho Sexualidade humana e educação sexual: elaboração e análise de formação continuada para professores/as do ensino fundamental, foi elaborado como uma proposta de formação para ser trabalhada em quatro encontros com professores do ensino fundamental, em

horário de Atividade de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC), com o objetivo de promover uma formação contínua, planejada de modo abrangente, processual e embasada em processos pedagógicos. Com a proposta de momentos de estudo reflexivo, os encontros contaram com o uso de materiais como livros, cartilhas, figuras e textos, disponibilizados para que os professores trabalhassem em suas salas de aula. Durante as das intervenções, as manifestações das participantes eram observadas, registradas para serem analisadas, com o objetivo de verificar aspectos mais marcantes ocorridos durante os momentos de intervenção. A ação também contou a aplicação do questionário que foi realizado após o desenvolvimento da última atividade.

Os resultados apontados na pesquisa, demonstram que houve grande receptividade por parte das professoras participantes, inclusive com relação à inserção de um Programa que tivesse como tema a Educação Sexual no Projeto Político-Pedagógico da Unidade Escolar. Foi possível identificar ainda, algumas ações desenvolvidas pelas professoras a respeito de temas relacionados a sexualidade. Os pais também foram envolvidos em atividades sobre o tema nos chamados “círculos de pais”, sendo que nesses momentos, os pais tiveram a oportunidade de analisar e discutir temas como início da Puberdade; prevenção do abuso sexual infantil e como abordar temas ligados à sexualidade com os filhos. A pesquisadora relata ainda, que todas as participantes avaliaram como positiva a formação que receberam, o que evidencia a importância desta temática na formação continuada de professores sendo que temas como prevenção à violência sexual os procedimentos didáticos utilizados nas formações, foram pontos de destaque na visão das participantes. Os resultados apontam ainda, que houve grande interesse por parte das professoras em analisar os materiais que podem ser utilizados em ações referentes a Programas de Educação Sexual, reforçando a necessidade de apresentar e disponibilizar esses materiais em momentos formativos, como forma de fomentar intervenções sobre a temática no ambiente escolar.

O trabalho Infância, Gênero e Educação Infantil: percepções e ações na formação continuada dos educadores, apresenta um projeto de intervenção, atrelado à pesquisa, com o objetivo de trazer visibilidade e ações junto aos professores, uma vez que a criação do projeto se deu a partir das necessidades de pensar a formação com foco nas lacunas que foram apontadas por meio da aplicação de questionário. O projeto de intervenção, foi elaborado tendo como público-alvo professores de uma instituição de Educação Infantil (4 a 5 anos de idade)

Antes mesmo de nascer a sexualidade e a identidade de gênero estarão inseridas no contexto familiar do indivíduo e sofrem grande influência pelo ambiente.

A ausência de pesquisas sobre gênero na Educação Infantil (Crociari & Perez, 2018; 2019) é fator indispensável e oportuno para se aprofundar o desenvolvimento da pesquisa nesse âmbito, podendo contribuir para que o conhecimento trabalhado nas instituições de Educação Infantil esteja adequado às necessidades da criança e do educador em suas práticas pedagógicas.

As atividades da intervenção proposta foram planejadas com o objetivo de apresentar aos professores materiais que podem ser trabalhados na Educação Infantil partindo de uma perspectiva lúdica e interdisciplinar.

A pesquisa aponta a formação realizada com os professores como trazendo grande impacto, transformando posturas e posicionamentos, por meio das atividades didáticas de fácil acesso. Ao conhecerem o material pedagógico apresentado e os conceitos trabalhados, os professores sinalizaram grande satisfação em relação ao aprendizado oferecido, ficando mais à vontade para compartilhar e trocar conhecimento.

A prática analisada nessa pesquisa demonstra que é possível por meio de embasamento nos conteúdos de sexualidade, transformar embasados nos conteúdos de transformar as atividades do cotidiano da Educação Infantil em atividades que oportunizam a construção ou transformação por parte dos educadores.

A pesquisa *Infância, gênero e educação infantil: percepções e ações na e para a formação inicial do pedagogo*, traz como proposta de intervenção o Projeto Aquarela que surgiu da necessidade de promover oportunidades para a desconstrução das hierarquias de gênero. Em formato de curso, o projeto foi pensado para contribuir com o processo de formação docente, tendo como foco principal o trabalho com a Educação Sexual e Gênero. Os participantes foram estudantes de duas turmas do quarto ano do curso de Pedagogia, dos períodos diurno e noturno de uma universidade pública e ocorreu por meio de uma intervenção teórica e prática com o intuito de complementar a formação dos participantes.

O curso foi estruturado em teoria e prática, sendo que ao final da parte teórica os estudos foram aprofundados e focalizados nas práticas pedagógicas, com o objetivo de promover a aplicação de todo o conhecimento adquirido ao decorrer das explanações.

Foram desenvolvidas quatro atividades práticas intituladas como “O que se carrega na mochila de um menino e de uma menina?”, “Caixa surpresa”, “Bombeira e professor! Posso ser o que eu quiser?” e “Adotando um bebê”, que possibilitaram um trabalho lúdico sobre temas envolvendo questões de gênero, corpo, sexualidade, profissões culturalmente masculinas.

Houve durante a realização do projeto coleta de registros ocorreu mediante a observação da pesquisadora culminando em anotações, fotos e registros de momentos pertinentes para análise.

Ao final, por meio de questionário e análise das respostas, a pesquisadora sinalizou que a maioria dos participantes do período diurno demonstrou que durante o curso foi possível adquirir conhecimento e trocar experiências proveitosas e transformadoras. Falando ainda do período diurno, a pesquisadora identificou que de acordo com os dados, 90% dos alunos demonstraram um melhor preparo após os conceitos teóricos transmitidos no curso e 10% sinalizaram uma melhora significativa dos conhecimentos, sendo um dado relevante nesse contexto de formação diante de tema que ainda é um tabu na sociedade de uma forma geral. Importante destacar ainda, que esse grupo sinalizou como sendo importante a presença de um profissional qualificado em educação sexual com conhecimento hábil para tratar sobre essas questões.

No noturno, a pesquisadora identificou uma participação mais baixa, porém, analisando os dados, pontos importantes surgiram como por exemplo, ter surgido nesse grupo o apontamento dos estudantes acerca da importância do estudo da Sexualidade para a formação das crianças enquanto indivíduo social, considerando o tema relevante e fundamental para a formação íntegra do cidadão, na busca pela formação de alunos críticos e reflexivos.

Dessa forma, foi possível concluir que investir na criação e desenvolvimento de métodos que ofereçam informações e fundamentos pertinentes para a compreensão da importância da Educação Sexual, é fundamental para o iniciar o longo caminho que envolve a formação de professores em educação sexual.

Relevante destacar ainda, a confecção dos materiais utilizados para aplicação das atividades práticas do curso utilizando cartolinas, papéis diversos como revistas, figuras entre outros de fácil acesso, fator esse que nos leva a pensar na infinidade de materiais de baixo custo e até recicláveis que podem ter grande utilidade nesse contexto envolvendo a ludicidade.

Penso ter estudantes de pedagogia participando de formações como essa, potencializam as práticas de educação sexual nas escolas e desperta nos futuros professores o desejo de tratar a temática tendo em vista terem vivenciado sua relevância de maneira prática e acessível.

O trabalho desvelando a sexualidade na educação: repensando estratégias para formação de educadores em educação sexual, propõe a realização de oficinas que foram pensadas com base em um questionário para levantamento de temas para os encontros.

De cunho qualitativo, a pesquisa foi desenvolvida com a participação de 10 professoras, a partir de entrevistas semiestruturadas e seguido da realização de oficinas que permitiram a compreensão da atuação docente e o desenrolar de estratégias para refletir sobre como trabalhar a sexualidade dentro da sala de aula.

Os temas selecionados para as oficinas foram escolhidos após as entrevistas com as participantes uma vez que, neste primeiro contato, foi possível identificar as principais dúvidas das professoras.

Com a proposta de proporcionar um espaço no qual as participantes fossem convidadas a refletir sobre si mesmo, seus valores e sua própria educação e o quanto tais fenômenos são trazidos para sua prática, cada um dos encontros era pensado para despertar dúvidas, troca de experiência e compartilhamento de informações. As oficinas contaram ainda com a análise de alguns casos por meio de uma dinâmica, visando observar a relevância desses momentos para prática formativa realizada dos profissionais.

Segundo a pesquisadora, foi possível identificar diferenças nas falas e comportamentos das professoras participantes que sinalizaram uma evolução no que diz respeito ao assunto e apropriação dos temas que foram propostos. Por meio a análise dos resultados, a pesquisadora identificou ainda a abertura das professoras em compartilhar suas experiências e fazerem perguntas durante os momentos de oficina, o que evidencia que esses momentos de troca e reflexão sobre atividades e ações pedagógicas foi capaz de causar impactos e mudança na atuação das professoras bem como demonstrara que as oficinas se mostraram ótimo recurso para trabalhar a sexualidade.

A pesquisadora concluiu que o trabalho desenvolvido promoveu possibilidades de reflexão que tornaram as participantes desenvolver mais autonomia para trabalhar a educação sexual e posicionamento crítico diante de questões envolvendo sexualidade. Souza e Milani argumentam:

[...] os educadores precisam estar dispostos a refletirem sobre as questões que envolvem a sexualidade com lentes neutras, sem julgamentos e baseadas em argumentos cientificamente comprovados, ao mesmo tempo em que é construída uma integração entre família e escola, possibilitando trabalho pragmático e enriquecedor, que preze pelo respeito e pelo amadurecimento do ser humano. (Souza & Milani, 2020, p. 77).

Os quatro trabalhos analisados apresentam propostas para formação de professores partindo de um viés dinâmico e para isso fazem uso tanto de momentos teóricos e práticos como forma de trabalhar conceitos importantes envolvendo a temática ao mesmo tempo e que propõe práticas que permitem a aplicabilidade dos temas tratados.

Todas as pesquisas partem da aplicação de questionários para levantamento de demandas que poderiam ser tratadas ao longo das formações, o que sinaliza a importância de oferecer uma formação que venha contribuir de maneira efetiva para a prática docente em sala de aula.

As propostas utilizam uma série de recursos didáticos e pedagógicos no decorrer da formação como forma de ampliar as possibilidades de se trabalhar a temática de maneira diversificada e foram aplicadas no formato presencial.

É possível identificar que para sistematizar as formações, as pesquisadoras fazem uso de uma série de materiais disponíveis na internet que podem facilmente ser encontrados.

As pesquisas apontam caminhos possíveis com um olhar para além dos impasses. Muita criatividade, materiais confeccionados e adaptados pelas pesquisadoras destacam-se na busca de uma formação emancipatória, buscando desenvolver autonomia de professores e futuros professores nas ações envolvendo educação sexual na escola.

Acredito que iniciar as discussões sobre o tema, elaborar uma formação em serviço, com encontros ajustáveis a realidade da escola, seja uma possibilidade de trabalhar a educação sexual na formação de professores.

Se você é gestor, que tal propor um estudo em parceria com o coordenador pedagógico pensando em uma ação formativa com os professores de sua escola, algumas das possibilidades apresentadas?

Como professor, já sentiu a necessidade de buscar formação sobre educação sexual e suas possibilidades na escola? Já pensou em desenvolver um projeto com esse tema na escola em que atua?

Que esse capítulo tenha despertado interesse e ideias sobre as diversas possibilidades de se começar a tratar sobre educação sexual em sua escola. Que por meio das análises e reflexões, você enxergue aspectos que podem favorecer sua prática na busca de uma formação que contemple a sexualidade em seus diversos aspectos.

Mesmo diante de toda diversidade dos trabalhos analisados, não encontramos uma receita, um passo a passo, um roteiro ou um manual para formar professores em educação

sexual, porém, encontramos diversas inspirações, possibilidades simples, lúdicas, relevantes que podem impactar positivamente o meu, o seu, o nosso trabalho como professor.

Por fim, se a Educação Sexual acontecer de forma bem planejada e dinâmica, com educadores engajados em sua formação continuada, visando a resolução de diversos desafios e almejando contribuir para o desenvolvimento integral do aluno, sem dúvidas será uma educação para a vida e para a qualidade da mesma. (Figueiró, 2006).

Portanto, precisamos ampliar o olhar para o ambiente escolar, incentivando sempre a construção de relações de confiança entre os membros que venham a favorecer à abertura dos profissionais em tratar temas que ainda são considerados tabus bem como investir na formação que deve ocorrer para que a implantação de um projeto em educação sexual seja efetivo.

É preciso começar...vamos?

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos mapeados e analisados neste trabalho, sinalizam e reforçam a importância da formação de professores em educação sexual, pensando em como esse profissional pode contribuir e atuar de maneira efetiva na escola tendo em vista a complexidade do tema.

A educação sexual precisa abranger a sexualidade humana como um todo, considerando os diversos aspectos envolvidos, superando o senso comum e o preconceito, abrindo espaço um movimento reflexivo de troca entre professores e alunos no ambiente escolar.

Não é possível falar em transformação social sem falar em formação de professores, sendo que em um contexto ideal, seria adequado que as licenciaturas já abordassem a sexualidade em sua grade de disciplinas e os cursos de formação continuada dessem continuidade em um formato de aperfeiçoamento e especialização.

Dessa forma, é necessário que a formação de professores em educação sexual seja capaz de construir novas formas de aprendizagem, baseadas em informação, diálogo e reflexão.

É urgente que a educação sexual seja problematizada no processo formativo dos professores, possibilitando o atendimento das demandas que surgem no espaço escolar, preparando um professor mais seguro de suas responsabilidades ao mediar esse tema. Um professor que compreenda a perspectiva emancipatória e promova situações em que os estudantes possam vivenciar sua sexualidade com mais autonomia respeito e prazer, desenvolvendo concepções e posturas mais tolerantes que reconheçam a diversidade sexual e o próprio direito de escolha.

É preciso investir na formação inicial e continuada de professores em Educação Sexual, assim como na desmistificação do tema por meio de práticas emancipatórias como as apresentadas durante análise e reflexão das pesquisas mapeadas par esse trabalho. Práticas simples, possíveis, adaptáveis e pensadas levando em conta todo o processo de intencionalidade que um trabalho de educação sexual deve envolver.

As análises das dissertações, permitiram um diálogo mais próximo com diversas práticas sobre Educação Sexual que estão sendo utilizadas nos cursos de formação inicial e continuada dos professores. Sendo assim, pode-se verificar que os estudos analisados se pautaram em vários recursos metodológicos para atingir possibilitar aos seus participantes a reflexão, autoconhecimento, problematizações, ações, sentimentos, relacionados à sua própria sexualidade e a do outro.

Olhar para os impasses nos coloca um movimento reflexivo que amplia nosso olhar de professor para os desafios, não no sentido de serem empecilhos, mas sim, obstáculos a serem

encarados e superados para que os professores tenham mais autonomia para abordar a educação sexual na escola.

Nesse aspecto, as análises geram possibilidades para os professores acreditem que é possível aprofundar os estudos sobre educação sexual, seja por meio de cursos de aperfeiçoamento, especialização, em oficinas propostas nas escolas, no formato presencial ou EaD, uma vez, que os trabalhos analisados impactos positivos em todos esses formatos.

Resgatar uma breve história do Programa, nos possibilitou acompanhar um caminho de luta política pedagógica tornando-se o primeiro Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual do Brasil e América Latina, demonstrando sua relevância para a emancipação humana.

Por fim, destacamos que planejar ações intencionais e sistematizadas que envolvam projetos de Educação Sexual na escola não é algo fácil, e necessita uma preparação específica do professor, sendo nesse cenário, imprescindível a formação inicial e continuada para avançarmos em meio a tantos impasses.

A mobilização para levar a Educação Sexual para a escola é um longo caminho que precisa ser percorrido e quem se dispõe a trilhá-lo, pode encontrar inúmeras possibilidades.

Conclui-se assim, que são necessários mais estudos que envolvam as práticas nas formações de professores sobre a Educação Sexual, assim como disciplinas nos cursos de graduação das licenciaturas que possam contemplar a temática, a fim de que os professores se sintam mais seguros para mediar esse conhecimento e saibam intervir, principalmente em situações envolvendo preconceitos no ambiente escolar. Da mesma maneira, se faz imprescindível a formação continuada para o aperfeiçoamento de conhecimentos, compartilhamento de boas práticas e fomento de pesquisas que tenham a Educação Sexual como foco. Que possamos ver a educação sexual cada vez mais como possibilidade, buscando formas de implementá-la na escola e na sociedade.

REFERÊNCIAS

- Camilo, V. C. S. (2019). *Infância Gênero e educação infantil: percepções e ações na formação continuada dos educadores*. [Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.] Repositório Institucional.
<http://hdl.handle.net/11449/141499>
- Camilo, V. C. S. & Perez, M. C. A. (2019). Gênero e educação infantil: ausências e ações na formação dos educadores (2019). *Revista Científica Semana Acadêmica*. (v. MMXIX, n. 000174).
- Costa, A. P. et al..(2009). *Sexualidade, gênero e educação: novos olhares*. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v.4, n.1.
<http://seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/2691/2401>.
- Crociari, A. (2020). *Infância, Gênero e Educação Infantil: percepções e ações na e para a formação inicial do pedagogo* . [Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.] Repositório Institucional.
<http://hdl.handle.net/11449/141499>
- Crociari, A. & Perez, M. C. A. (2018). Gênero e educação infantil: percepções na formação inicial do pedagogo. *Anais do III Congresso de Educação PET Pedagogia: XII Amostra de Pesquisas em Educação*. In: Perez, M. C. A. (Org.). Araraquara: FCLar-UNESP. pp. 160-1
- Cruz, E. F. (2003). Educação Sexual e Educação Infantil nos relatos de profissionais que trabalham com a formação de educadoras creches/pré-escola. *Pró-Posições*, 14(3), 103-117. Damasceno, M. 2012 *Mapa da empatia na escola*.
<https://blog.kuau.com.br/competencias-socioemocionais/mapa-empatia-escola/>.

- Figueiró, M. N. D. (2006). *Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola*. Linhas, 7(1). Recuperado em 30 de maio, 2013 de <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1323>
- Figueiró, M. N. D. (2009). (Org). *Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola*. In M. N. D. Figueiró, *Educação Sexual: múltiplos Temas, compromissos comuns*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina.
- Figueiró, M. N. D. (2009b). *Sexualidade e afetividade: Implicações do processo de formação do educando*. *Educação Sexual: em busca de mudanças*. Org. Mary Neide Damico Figueiró, Londrina – PR, Universidade Estadual de Londrina.
- Figueiró, M. N. D. (2010). *Educação Sexual: retomando uma proposta um desafio*. (3a Ed.). Londrina: EDUEL.
- Figueiró, M. N. D. (2014). *Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível*. (2ª ed.). Londrina: EDUEL.
- Frison, L.M.B. (2000). *Pesquisa como superação da aula copiada*. In III *Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul*. Porto Alegre, RS: ANPED. [.http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2000/Aprendizagem_e_conheciment o/Mesa_Redonda_-_Trabalho/05_47_48_3M2402.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2000/Aprendizagem_e_conheciment_o/Mesa_Redonda_-_Trabalho/05_47_48_3M2402.pdf)
- Guirado, M. (1997). *Sexualidade, isto é, intimidade: redefinindo limites e alcance para a escola*. In: Aquino, J. G. (Org.). *Sexualidade na escola: Alternativas teóricas e práticas*. (3a ed., pp. 25-42). São Paulo: Summus.
- INTEGRAL, Diretrizes do Programa Ensino. (2011). *Escola de tempo Integral*. Secretaria da Educação do estado de São Paulo.
- Lima, E. F. (2018). *Negritudes, adolescências e afetividades: experiências afetivo-sexuais de adolescentes negras de uma periferia da cidade de São Paulo*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista. Araraquara-SP, Brasil.] Programa de Pós-

- graduação em Educação Sexual. Repositório Institucional.
<http://hdl.handle.net/11449/141499>
- Leão, A.M.C. (2009). Estudo analítico-descritivo do curso de pedagogia da UNESP Araraquara quanto à inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos. [Tese de Doutorado, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, Brasil.] Repositório Institucional.
<http://hdl.handle.net/11449/141499>
- Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes.
- Louro, Guacira Lopes.(1999). (Org). Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira .*O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Maia, A. C., & Ribeiro, P. R. M. (2011). Educação Sexual: Princípios para a ação. Revista Brasileira de Psicologia e Educação, 15(1), 41-51.
- Miskolci, R. (2010). Sexualidade e orientação sexual. Em R. Miskolci, *Marcas da diferença no ensino escolar* (pp. 75-111). São Carlos, SP: EDUFSCar
- Penin, S. T. S., & Vieira, S. L. (2002). Refletindo sobre a função social da escola. In: Vieira S. L. (Org). *Gestão da escola: Desafios a enfrentar*. (pp.13-45). Rio de Janeiro: DP&A.
- Pola, L. C. A. G. (2018). Sexualidade Humana e Educação Sexual: elaboração e análise de formação continuada para professores/as do ensino fundamental. [Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Repositório Institucional. <http://hdl.handle.net/11449/141499>
- Ribeiro, P. R. M. (Org.). (2004). *Sexualidade e educação: Aproximações necessárias*. São Paulo: Arte & Ciências.

- Sayão, Y. (1997). Orientação sexual na escola: Os territórios possíveis e necessários. In: Aquino, J. G. (Org.). *Sexualidade na escola: Alternativas teóricas e práticas*. (pp.107-118). São Paulo: Summus
- Silva, F. F. & Magalhães, J. C. (2008). (Org). Descolad@s, divrtid@s, atrevid@s e diferentes: discutindo representações de gênero. In: Ribeiro, P. R. C. et al. *Educação e Sexualidade: Identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceitos, homofobia, AIDS...* (2ª ed., pp. 135-141). Rio Grande, RS: Editora da FURG.
- Souza, A. P., & Milani, D. R. C. (2020). Como pais lidam frente à necessidade de orientação sobre sexualidade nas escolas. Da educação básica ao ensino superior: *Os desafios dos docentes no século XXI*, pp. 72-78. Org. Rocha, A. R. A., & Silva, D., UNIEDUSUL – Maringá, PR
- Souza, A. P., Milani, D. R. da C., & Ribeiro, P. R. M. (2020). A educação sexual e o papel do educador: reflexões a partir de um contexto social em transformação. *Dialogia*, (34), 95-106. Recuperado de <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/download/16635/8214>.
- Souza, A.P. (2021). Desvelando a Sexualidade na Educação: Repensando estratégias para formação de educadores em Educação Sexual. [Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Repositório Institucional. <http://hdl.handle.net/11449/141499>
- Vasconcelos, Naumi. (1971). Os dogmatismos sexuais. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Werebe, M. J. G. (1981). *Educação Sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão?* Cadernos de Pesquisa, nº 36 (pp. 99-110). São Paulo.